

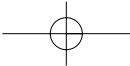
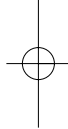
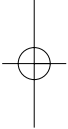
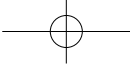


Emprego e Trabalho



Ministério
da Educação





Apresentação

Ao longo de sua história, o Brasil tem enfrentado o problema da exclusão social que gerou grande impacto nos sistemas educacionais. Hoje, milhões de brasileiros ainda não se beneficiam do ingresso e da permanência na escola, ou seja, não têm acesso a um sistema de educação que os acolha.

Educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos e dever do Estado; garantir o exercício desse direito é um desafio que impõe decisões inovadoras.

Para enfrentar esse desafio, o Ministério da Educação criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Secad, cuja tarefa é criar as estruturas necessárias para formular, implementar, fomentar e avaliar as políticas públicas voltadas para os grupos tradicionalmente excluídos de seus direitos, como as pessoas com 15 anos ou mais que não completaram o Ensino Fundamental.

Efetivar o direito à educação dos jovens e dos adultos ultrapassa a ampliação da oferta de vagas nos sistemas públicos de ensino. É necessário que o ensino seja adequado aos que ingressam na escola ou retornam a ela fora do tempo regular: que ele prime pela qualidade, valorizando e respeitando as experiências e os conhecimentos dos alunos.

Com esse intuito, a Secad apresenta os *Cadernos de EJA: materiais pedagógicos para o 1.º e o 2.º segmentos do ensino fundamental de jovens e adultos*. “Trabalho” será o tema da abordagem dos cadernos, pela importância que tem no cotidiano dos alunos.

A coleção é composta de 27 cadernos: 13 para o aluno, 13 para o professor e um com a concepção metodológica e pedagógica do material. O caderno do aluno é uma coletânea de textos de diferentes gêneros e diversas fontes; o do professor é um catálogo de atividades, com sugestões para o trabalho com esses textos.

A Secad não espera que este material seja o único utilizado nas salas de aula. Ao contrário, com ele busca ampliar o rol do que pode ser selecionado pelo educador, incentivando a articulação e a integração das diversas áreas do conhecimento.

Bom trabalho!

Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade – Secad/MEC

Sumário

TEXTO

1. O poema “O operário em construção” de Vinicius de Moraes	6
2. Santos Dias (1942–1979)	10
3. Cântico da rotina	12
4. Pai e eu	13
5. A grande data	14
6. Emprego	16
7. Por que reduzir as jornadas?	18
8. O homem que inventou a roda	20
9. Desemprego	22
10. Dia da confraternização	25
11. Um apólogo	28
12. A última carroça	30
13. A cigarra e a formiga	36
14. Três gênios de secretaria	38





15. O fazendeiro e os filhos	43
16. O que a lei garante ao trabalhador	44
17. Brasil dividido	47
18. Eles trabalham feito cavalos	49
19. Trabalho infantil	51
20. A metamorfose	52
21. O funcionário ideal	55
22. De dar dó	56
23. O camelô	57
24. Emprego e desemprego	58
25. Indicador de desemprego	61
26. A economia vai bem, mas o trabalho...	62
27. Procura-se empregado	63



O POEMA "O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO" DE VINICIUS DE MORAIS

Renato Pompeu

É muito raro que os poetas cantem as situações de trabalho urbano. Sobre o trabalho no campo, a agricultura e o pastoreio, os poetas fizeram durante milênios obras épicas e líricas, como "As Geórgicas", do poeta romano antigo Virgílio; no próprio Brasil colonial tivemos o arcadismo, em que os poetas mineiros cantavam pastores e pastoras, como Dirceu e Marília. Mas sobre os trabalhos urbanos, como o milenar artesanato e a secular indústria, nunca houve muita poesia. O trabalho rural era considerado pelos poetas ao mesmo tempo mais "dramático" e mais "belo", por envolver relações diretas com as forças da natureza e estar sujeito, por exemplo, aos caprichos do clima, sendo assim considera-

do mais "heróico" do que o calculista trabalho industrial, previsto e medido nos seus mínimos detalhes.

As exceções ficam por conta dos trabalhos industriais a céu aberto, como a construção civil, de estradas e de usinas de energia, em que também se tem de enfrentar a fúria dos elementos. Além disso, os poetas não costumam visitar o chão de fábricas, mas, circulando pelas ruas e estradas, vêem de relance os trabalhos de construção; até há poucas décadas, quando não havia proteções que prejudicassem a visibilidade, a construção civil era um espetáculo urbano, com os pedestres detendo-se para apreciar o andamento das obras.

Também os poetas, na sua grande maioria oriundos das classes mais altas, se dirigiam ao público culto e não aos trabalha-



Operários protestam em São Bernardo do Campo, São Paulo, 1974.

dores manuais, e em geral tratavam de temas mais “nobres”, como o amor, a morte, a natureza, as artes em geral e a própria poesia em particular. Apenas uma minoria de poetas que, nos conflitos sociais, simpatizavam com as causas dos trabalhadores – independente da origem de classe do poeta –, é que procuraram chamar a atenção para os dramas dos trabalhadores. Mesmo esses, por não terem a vivência do trabalho manual, em geral se limitaram a cantar o que consideravam a nobreza desse trabalho, sem entrarem em detalhes concretos.

Uma exceção no Brasil, justamente sobre a construção civil, é o poema “O operário em construção”, do poeta Vinicius de Moraes, que conhecia o trabalho de pedreiros e serventes por suas contemplações dos canteiros de obras em seus passeios de deambulador pelas ruas da cidade do

Rio de Janeiro. Devemos chamar a atenção para o fato de que, como boa poesia, o título é ambíguo: tanto significa “o operário na construção civil” como “o operário durante a construção de si próprio”, isto é, durante a tomada de consciência de sua posição na sociedade.

Eis o início do poema:

Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
Da sua grande missão:
Não sabia, por exemplo,
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião

Foto: Acervo Iconographia

Texto 1 / Alienação do trabalho

Como tampouco sabia
 Que a casa que ele fazia
 Sendo a sua liberdade
 Era a sua escravidão.
 De fato, como podia
 Um operário em construção
 Compreender por que um tijolo
 Valia mais que um pão?
 Tijolos ele empilhava
 Com pá, cimento e esquadria.
 Quanto ao pão, ele o comia...
 (...)

Aqui vemos que, além de descrever a condição operária em geral, que se mantém a mesma apesar das mudanças tecnológicas, Vinicius encontrou facilidade para descrever um canteiro de obras de maneira compreensível, o que se deve, além de à sua arte, também ao fato de que a construção civil, pelo menos na alvenaria de tijolos, se manteve imutável ao longo de séculos. Com a introdução de pré-moldados e do concreto armado, é que houve a primeira grande mudança tecnológica na construção de casas e prédios e outras obras, mas Vinicius não descreve essas novidades, e sim a milenar alvenaria de tijolos. O mais importante, porém, é que, poeticamente, ele descreve a condição operária que se manteve, se mantém e se manterá inalterada enquanto houver indústria.

Entretanto, passemos a outro trecho do poema:



Foto: Acervo Iconographia

(...)
 Mas ele desconhecia
 Esse fato extraordinário:
 Que o operário faz a coisa
 E a coisa faz o operário.
 De forma que, certo dia,
 À mesa, ao cortar o pão
 O operário foi tomado
 De uma súbita emoção
 Ao constatar assombrado
 Que todo naquela mesa
 — Garrafa, prato, facão —
 Era ele quem os fazia
 Ele, um humilde operário,
 Um operário em construção.
 (...)

Aí vemos como Vinicius descreve a tomada de consciência do operário, já não como “operário em construção”, mas como uma encarnação da “classe operária” em geral, a qual produz praticamente todos os



Greve dos funcionários dos correios e telégrafos, Rio de Janeiro, 1932.

bens materiais em uso na sociedade industrializada. E Vinicius descreve também, mais abstratamente, o que ser humano produz: ao mesmo tempo que “produz” algo externo a ele, também “se produz”, no seu íntimo como ser humano.

Mais adiante no poema, em outro trecho, Vinicius conta como a descoberta individual de que um operário é uma encarnação da classe operária, passa ser coletiva:

(...)
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.
E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.
E foi assim que o operário
Do edifício em construção

Que sempre dizia *sim*
Começou a dizer: *não*.
(...)

Isto é, da satisfação em ter um emprego que lhe garantisse a sobrevivência, o operário passou à insatisfação com as condições de trabalho e com as suas condições indignas de vida, que só garantiam a sua sobrevivência nua e crua para que pudesse voltar a trabalhar no dia seguinte. Essa tomada de consciência, como diz o próprio poema, não é específica do operário em construção, mas da classe operária em geral.

Texto escrito por Renato Pompeu, escritor e jornalista.

Trechos extraídos do site: www.espacoacademico.com.br/024024poesia_vm.htm

SANTO DIAS (1942–1979)

O assassinato do operário transformou-se em bandeira



Foto: Kendo Honda / AE

A multidão vinda da rua da Consolação chega à catedral da Sé e exige o fim da repressão política; ganharia a anistia, menos de dois anos depois.

Dez horas da manhã de 31 de outubro de 1979. Uma multidão de 30.000 pessoas segue pela rua da Consolação para a catedral da Sé, no centro de São Paulo. O cortejo canta a canção *Pra não dizer que não falei das flores*, do compositor Geraldo Vandré, tomada como hino pelos que se opõem à ditadura militar iniciada em 1964. À frente vão os bispos auxiliares

de São Paulo e de outros Estados, centenas de padres e religiosos, bem como pastores de outras religiões. Logo atrás vem o carro de dom Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo. Também estão ali muitos estudantes, donas de casa e políticos oposicionistas, lado a lado com representantes de todas as categorias profissionais: professores, bancários, funcionários

públicos e milhares de metalúrgicos paulistas. Os operários carregam num caixão simples o corpo do metalúrgico Santo Dias da Silva, assassinado no dia anterior por um policial militar num piquete grevista. No carro do cardeal arcebispo Arns está um casal de adolescentes, filhos do morto: o rapaz, também chamado Santo; a menina, Luciana. A viúva, Ana Maria, segue a pé, amparada pelos caminhantes. Faixas e cartazes se destacam na multidão: “Companheiro, você será vingado”; “Abaixo a repressão”; “Abaixo a ditadura”. Entre as palavras de ordem gritadas, uma de especial contundência: “Chega de manter assassinos no poder!”.

A maior parte dos estabelecimentos comerciais da área central fecha as portas em sinal de luto. Na periferia, principalmente na zona sul, onde se concentra a maior parte das indústrias, nenhum metalúrgico foi trabalhar.

Nada está certo

O cortejo chega à praça da Sé ao meio-dia e 40 minutos. A catedral já está lotada quando entra o caixão com o corpo de Santo Dias. Do lado de fora, milhares de pessoas. Dom Paulo preside a missa de corpo presente. Ele diz: “Não está certo. Quase nada está certo entre nós. Que andem munidos de

armas de fogo, os que irão encontrar-se com o povo de braços cruzados. Quase nada está certo, quando milhões que constroem a riqueza de uma cidade apanham porque querem dar pão a seus filhos. Pão, só pão e paz. Quase nada está certo nesta cidade, enquanto houver dois pesos e duas medidas: uma para o patrão e outra para o operário”.

Depois da missa, à uma e meia da tarde, o caixão é colocado num carro funerário, que vai pela avenida 23 de Maio, seguido

por incontáveis veículos até o cemitério Campo Grande. Ali, 15.000 pessoas acompanham o enterro há 3 horas. Momentos antes que o caixão baixe à sepultura, Luiz Inácio da Silva, o Lula, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, faz

um breve discurso: “Se os patrões pensavam que, com a morte de Santo, os trabalhadores iriam ficar com medo, estamos aqui para mostrar que isso não aconteceu”.

O enterro, as manifestações desse dia se converteram num marco histórico político e sindical.

Quase nada está certo entre nós. Que andem munidos de armas de fogo, os que irão encontrar-se com o povo de braços cruzados”.
(Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo, 31/10/1979.

Texto de Luciana Dias e Jô Azevedo. Extraído da Coleção Rebeldes Brasileiros. São Paulo: Casa Amarela.

TEXTO 3

Direitos do trabalhador

CÂNTICO DA ROTINA

Ana Miranda

Todo trabalhador tem direito a bocejar
Todo trabalhador tem direito a ganhar flores
Todo trabalhador tem direito a sonhar
Todo trabalhador tem direito a ir ao banheiro
Todo trabalhador tem direito a manteiga no pão
Todo trabalhador tem direito a promoção
Todo trabalhador tem direito a ver o pôr-do-sol
Todo trabalhador tem direito a um cafezinho
Todo trabalhador tem direito a ler um livro
Todo trabalhador tem direito a um rádio de pilha
Todo trabalhador tem direito a sorrir
Todo trabalhador tem direito a ganhar um sorriso alheio
Todo trabalhador tem direito a ficar gripado
Todo trabalhador tem direito a peru no Natal
Todo trabalhador tem direito a festa de aniversário
Todo trabalhador tem direito a jogar pelada
Todo trabalhador tem direito a dentista
Todo trabalhador tem direito a andar nas nuvens
Todo trabalhador tem direito a tomar sol
Todo trabalhador tem direito a sentar na grama
Todo trabalhador tem direito a viagem de férias
Todo trabalhador tem direito a catar conchas numa praia deserta
Todo trabalhador tem direito a dizer o que pensa
Todo trabalhador tem direito a pensar
Todo trabalhador tem direito a saber por que trabalha
Todo trabalhador tem direito a se olhar no espelho
Todo trabalhador tem direito a seu corpo e sua alma

Porque nosso corpo não é uma máquina. Em nosso corpo há vida. (...) É preciso haver sempre uma relação entre prazer e trabalho, entre satisfação pessoal e contribuição, e uma relação individual com a natureza. Uma relação íntima entre o movimento da mão e o pensamento. Nenhum ser humano deve trabalhar como se fosse uma máquina. O trabalho tem de servir ao aprimoramento de nosso ser e dar significado à nossa existência.

Extraído do livro Deus-Dará. São Paulo: Casa Amarela.



TEXTO 4

Alienação do trabalho

PAI E EU



Edson Veóca

Era manhã, eu era menino.
Meu pai caminhava
por dentro do sol.
Muitos outros pais
o sol atravessavam.
Partia meu pai
para o trabalho braçal e pesado
no norte de criar as crias
sem que faltassem pão e farinha.
Essa agonia cotidiana de anos,
do rosnar incômodo do motor
do ônibus lotado.
Vezes eu via
o olhar fixo de meu pai.
E num de repente,
de raio rachando as nuvens,
de vento sudoeste apagando as velas,
ele sacudia o crânio
para afugentar os gritos deste cotidiano,
as sombras do desemprego,
as garras da ditadura.
Esses pregos
perfuravam-lhe a vida,
os poros, os sonhos.
Livre só era
na mínima fração
de chegar em casa tarde, esgotado,
com cinco balinhas juquinha no bolso,
e saber dos filhos vivos
e dormindo.

Extraído da revista Caros Amigos Especial,
Literatura Marginal, Ato I.

A GRANDE DATA

O Dia do Trabalho é celebrado anualmente no dia 1º de maio em numerosos países do mundo e é feriado nacional em muitos deles

No dia 1º de maio de 1886 realizou-se uma manifestação de trabalhadores nas ruas de Chicago, nos Estados Unidos da América. Essa manifestação tinha como finalidade reivindicar a redução da jornada de trabalho para oito horas diárias e teve a participação de centenas de milhares de pessoas. Nesse dia teve início uma greve geral nos EUA. No dia 3 de maio houve um pequeno levantamento que acabou com uma escaramuça com a polícia e com a morte de alguns protestantes. No dia seguinte, 4 de maio, uma nova manifestação foi organizada como protesto pelos acontecimentos dos dias anteriores, tendo terminado com o lançamento de uma bomba por desconhecidos para o meio dos policiais que começavam a dispersar os manifestantes, matando sete agentes. A polícia abriu então fogo sobre a multidão, matando doze pessoas e ferindo dezenas. Esses acontecimentos passaram a ser conhecidos como a Revolta de Haymarket.

Três anos mais tarde, a 20 de junho de 1889, a segunda Internacional Socialista reunida em Paris decidiu, por proposta de Raymond Lavigne, convocar anualmente uma manifestação com o objetivo de lutar pelas oito horas de trabalho diário. A data escolhida foi o 1º de maio, como homenagem às lutas sindicais de Chicago. Em 1º de maio de 1891, uma manifestação no norte da França é dispersada pela polícia, resultando na morte de dez manifestantes. Esse novo drama serve para reforçar a data como um dia de luta dos trabalhadores e, meses depois, a Internacional Socialista de Bruxelas proclama esse dia como dia internacional de reivindicação de condições laborais.

A 23 de abril de 1919, o senado francês ratifica o dia de oito horas e proclama feriado o dia 1º de maio. Em 1920, a Rússia adota o 1º de maio como feriado nacional, e esse exemplo é seguido por muitos outros países.



O Dia do Trabalho é celebrado anualmente em 1º de maio em numerosos países do mundo, e é feriado nacional em muitos deles.

O Dia do Trabalho no mundo

Alguns países celebram o Dia do Trabalho em datas diferentes:

Austrália. A data de celebração varia de acordo com a região: 4 de março na Austrália ocidental, 11 de março no Estado de Vitória, 6 de maio em Queensland e Território do Norte e 7 de outubro em Canberra, Nova Gales do Sul (Sydney) e na Austrália meridional.

Estados Unidos da América. Celebram o Labor Day na primeira segunda-feira de setembro. Por interesse do empresariado, o dia 1º de maio foi transformado no "Dia da Lei", quando se comemora a "associação entre a lei e a liberdade", esquecendo-se os acontecimentos que deram origem a esse dia.

Extraído de pt.wikipedia.org/wiki/Dia_do_Trabalhador

TEXTO 6

Desemprego

EMPREGO

Ferréz



Um dia eu vi.
Vi e não gostei nada.
Nada poderia explicar aqueles olhos.
Olhos tristes de uma dor.
Dor que não poderia ter explicação.
Explicação que seria fácil demais
para algo tão doloroso.
Doloroso foi quando chegou ao
hospital e lhe deram uma notícia.
Notícia que jamais podia prever
desse jeito.
Jeito estranho de falar que havia
falecido seu pai.
Pai esse que fizera de tudo para lhe
dar o mínimo que era o estudo.
Estudo que hoje aprendeu a valorizar
e a entender.
Entender era difícil naquela situação,
soltava uma pipa.
Uma pipa que voava e tentava planar
a dor que sentia.
Sentia uma dor muito forte no peito.
Esse mesmo peito que tinha um
coração igual ao do pai.
Pai que tanto havia trabalhado até
ficar desempregado.
Desempregado, sempre visto como
fracassado e sujeito a humilhação.
Humilhação para o pai, homem
negro, forte, era ver o filho fumar.
Fumar era algo feio para o filho,
mas ele precisava de algo novo.
Novo era o coração que o pai
precisava, mas sem convênio
não dava.

Não dava para viver aquela vida estranha, sem dinheiro, sem futuro. Sem futuro para quem sempre trabalhou.

Trabalhou de vigilante por mais de dez anos.

Dez anos de um pouco de fartura. Fartura que servia para uma boa comida, roupas e diversão.

Diversão que para o pai era beber e jogar bilhar.

Jogar bilhar o filho aprendeu, mas gostava mais de soltar pipa.

Soltar pipa para ele naquele dia era até um alívio.

Alívio era ver o pipa voando, os olhos enchendo d'água.

Enchendo d'água sua casa sempre estava em dias de chuva.

Dias de chuva traziam ao menos a lembrança.

Lembrança de estar com seu pai tomando chuva na viela.

Vuela que agora parecia vazia e sem um grande homem.

Grande homem simples, que começou a morrer quando perdeu o emprego.

(Este texto é dedicado ao Luizão, mais uma vítima de São Paulo.)

Ferréz é escritor.

Publicado na revista Caros Amigos nº 71.



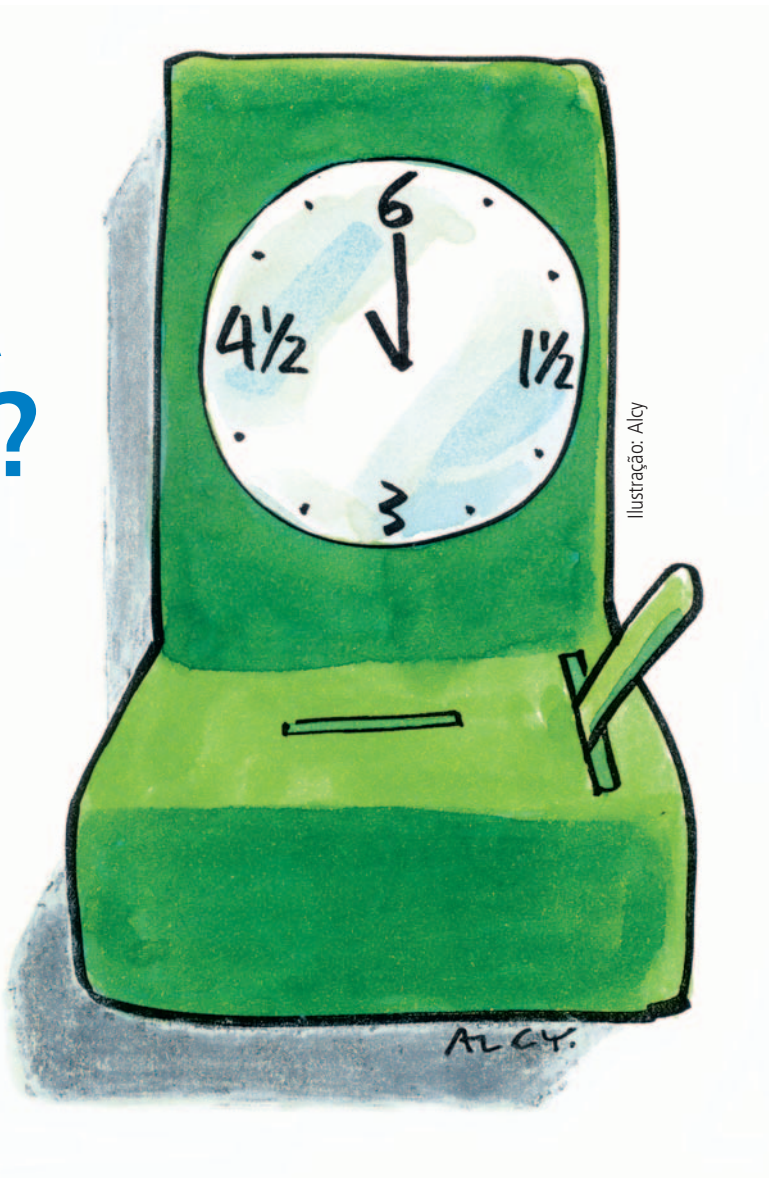
POR QUE REDUZIR AS JORNADAS?

Para o movimento sindical, uma jornada menor vai gerar mais empregos e mais qualidade de vida

Vivemos uma realidade de extremos, com muitas pessoas desempregadas e muitas outras trabalhando longas jornadas.

É muito fácil comprovar essa situação. Basta olhar ao redor para saber quantos estão desempregados e quantos estão trabalhando cada vez mais e sem tempo para outras coisas. Provavelmente, muitos de nós se encaixam em uma dessas situações.

As longas jornadas de trabalho trazem dificuldades para o convívio social e familiar e fazem crescer os problemas relacionados à saúde, como, por exemplo, as lesões por esforço repetitivo. Por outro lado, muitas famílias enfrentam situações difíceis porque aqueles que deveriam estar trabalhando não conseguem emprego.



Em vista disso, a redução da jornada, como uma das formas de geração de postos de trabalho e melhor qualidade de vida, torna-se uma necessidade social.

Já foi dito que a RJT — redução da jornada de trabalho — sem redução salarial é um instrumento capaz de preservar e criar novos empregos e melhorar a qualidade de vida.

Entretanto, pouca gente se lembra de que novos empregos, mais gente trabalhan-



do, contribuiriam para o aumento da renda e, portanto, do consumo, o que traria expectativas positivas para o investimento e o conseqüente aumento da produção. Enfim, um círculo virtuoso de crescimento econômico e social!

A jornada na atual legislação brasileira hoje

Horas extras: limite 2h/dia

A luta dos trabalhadores brasileiros levou, nos anos 30, à primeira lei nacional sobre jornada de trabalho, limitando-a a 48 horas semanais.

No início da década de 1980 garantiu-se a limitação da jornada em 44 horas semanais, depois estabelecida na Constituição Federal de 1988. Depois dela, todas as mudanças relativas aos direitos do trabalho introduzidas na legislação foram prejudiciais aos trabalhadores.

A limitação das horas extras, única proposta de mudança que poderia ter gerado emprego, acabou não sendo implantada. O projeto de lei 1.724, de 1996, que criou o banco de horas e alterou a compensação das horas extras para doze meses, estabelecia o limite de 120 horas extraordinárias dentro do período de um ano.

Mas no Congresso, na hora de votar a lei, prevaleceu o ponto de vista dos que defendiam a ampliação do prazo de compensação, sem que fosse incluída a limitação das horas extras.

Uma das maneiras de reverter essa tendência de precarização das condições do trabalho e da vida seria a adoção da redução da jornada de trabalho sem redução dos salários.

Essa mudança na legislação é necessária e interessa aos trabalhadores e à sociedade em geral, porque gera emprego e melhora a qualidade de vida.



Extraído da cartilha da campanha Reduzir Jornada É Gerar Emprego – CUT, CAT, CGT, CGTB, SDS e Força Sindical, 2004.

O HOMEM QUE INVENTOU A RODA

Moacyr Scliar

Primero foram os operários menos especializados, depois os mais especializados, e por fim chegou a vez dos executivos: Helmuth Mayer foi despedido da fábrica de automóveis onde trabalhava. Tratava-se de um administrador competente e criativo, mas, como disse o diretor, era necessário provar que nem mesmo os altos escalões estavam imunes e assim mandaram-no embora.

Ao receber a notícia de sua demissão, Helmuth Mayer não disse nada. Entrou em seu carro, ligou a máquina e tomou o rumo de casa...

Tomou o rumo de casa, mas não chegou lá. No caminho aconteceu-lhe uma coisa muito estranha. Deteve-se numa esquina e de repente esqueceu que marcha tinha de engatar para arrancar. Pior: nem sabia para que servia a alavanca de câmbio, nem o volante, nada. Um caso de amnésia traumática, naturalmente, mas Helmuth Mayer não sabia que isso existia, ou se sabia, tinha esquecido também. Tinha esquecido tudo. Não se sentia mal por causa desta situação: um pouco esquisito, apenas. Mas alegre, como se tivesse bebido algo delicioso e inebriante. Buzinavam furiosamente atrás dele. Não deu importância aos vociferantes motoristas: abriu a porta do carro e saiu andando, sem destino. Lá pelas tantas deu-se conta de que carregava sua pasta de executivo; mas como tal objeto já não lhe significava nada, e era pesado, jogou-o fora. E também se desfez do paletó e da gravata, porque fazia calor.

Caminhando sempre, chegou ao limite da cidade, embrenhou-se pelo mato e foi indo, até que já não avistava nenhum vestígio da civilização. Naquela noite, dormiu ao relento. No dia seguinte, livrou-se das roupas; sentia-se melhor sem elas. Teve fome; movido por puro instinto, comeu umas frutinhas, aliás, muito gostosas. E movido por

este instinto foi sobrevivendo. Nos dias que se seguiram aprenderia a pescar e a caçar e até a plantar alguma coisa. A família procurou-o desesperada, mobilizando polícia, amigos, detetives particulares. Não o encontrando, concluíram que tinha se suicidado e desistiram de procurá-lo. Com o tempo, todos acabaram por esquecê-lo.

Helmuth, entretanto, vivia feliz. Ele não sabia que era feliz, porque tinha esquecido o significado desta palavra, de todas as palavras, mas era feliz.

Até que um dia fez uma roda.

Isso mesmo: trabalhando com seu machado de pedra num tronco roliço, fez uma roda. Não sabia que aquilo se chamava roda, mas gostou da coisa porque rodava. Aí lhe ocorreu fazer um orifício na roda e colocar um eixo. Um pouco mais adiante já tinha as quatro rodas, estava pensando no chassi e no motor. E de repente se lembrava do nome das coisas: roda, chassi, motor.

Foi então que começou a desconfiar que aquela coisa podia não dar certo. Mas agora ia adiante. Já que tinha começado ia adiante. E ficou pensando em quem botaria na rua quando tivesse sua fábrica de automóveis.

Publicado na Folha de S.Paulo, 4 de doutubro de 1981.

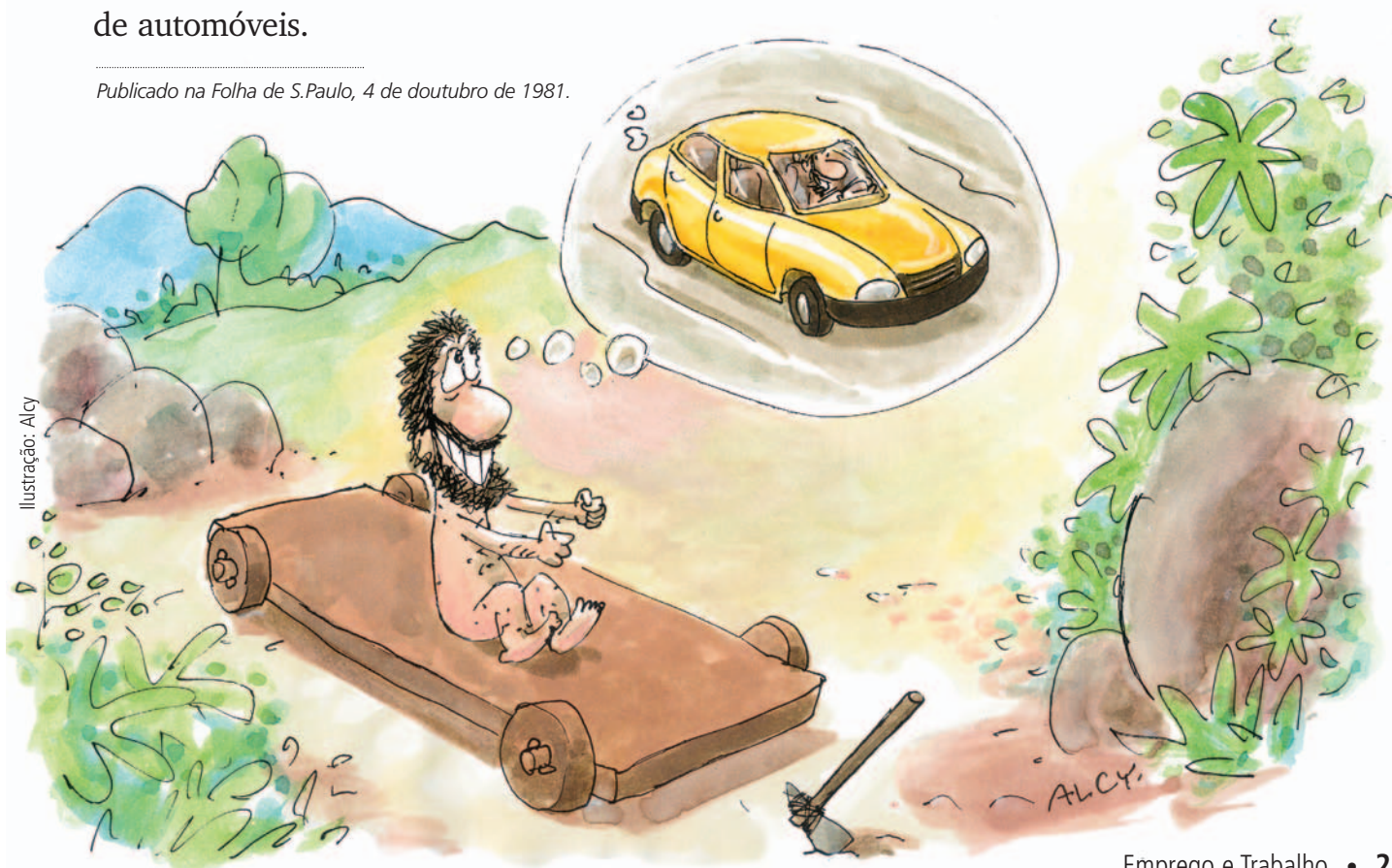


Ilustração: Alcy

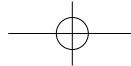
DESEMPLEO

Foto: Eduardo Martins / AE



Y POSIBILIDAD DE EMPLEO

Los índices de desempleo influyen sobre la actividad económica de las comunidades mas allá de las individualidades



En todos los países y tipos de economía hay trabajadores desempleados (definidos como personas capaces y dispuestas a trabajar que buscan empleo). Los períodos de desempleo constituyen una característica habitual de algunos sectores en los que la mano de obra aumenta y disminuye en función de las estaciones (p. ej., la agricultura, la construcción y la industria de la confección) y de sectores cíclicos en los que se despiden a trabajadores cuando la actividad decae y se les vuelve a contratar cuando mejora. Asimismo, un cierto grado de rotación es habitual en el mercado de trabajo, ya que algunos trabajadores abandonan su empleo para ocupar otro mejor y los jóvenes se incorporan a la población activa para sustituir a los que se jubilan.

El proceso de *desempleo estructural* se produce cuando sectores enteros sufren una recesión como resultado del avance tecnológico (p. ej., la minería y la fabricación de acero) o en respuesta a grandes cambios de la economía local. Un ejemplo de estas transformaciones es el traslado de los centros de producción de un área donde los salarios se han encarecido a otra menos desarrollada en la que hay mano de obra más barata.

En las últimas décadas, el desempleo estructural también ha sido provocado por

la multitud de fusiones, absorciones y reestructuraciones de grandes empresas, procesos que se han convertido en un fenómeno habitual, sobre todo en Estados Unidos, donde el número de medidas obligatorias de protección sociales y del propio bienestar del trabajador es mucho menor que en otros países industrializados. Estas tendencias han dado lugar al

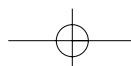
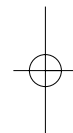
**En los casos de
despidos generalizados
puede producirse un
efecto dominó sobre
la comunidad**

“redimensionamiento” y la reducción de las plantillas, a medida que se han eliminado filiales de fábricas y oficinas y se han vuelto innecesarios muchos puestos de trabajo.

Con ello se ha perjudicado no sólo a los que han perdido su empleo, sino también a los que lo han conservado y han perdido seguridad en el puesto y temen ser despedidos.

El desempleo estructural suele ser un problema irresoluble, ya que muchos trabajadores carecen de la cualificación y la adaptación necesarias para optar a otros puestos similares existentes a escala local y, con frecuencia, no cuentan con recursos para emigrar a otras zonas en las que puede haber trabajo.

En los casos de despidos generalizados, suele producirse un efecto dominó sobre la comunidad. La pérdida de ingresos enfría la economía local y causa el cierre de las tiendas y las empresas de servicios frecuen-



Texto 9 / Desempleo

tadas por los desempleados, lo que aumenta a su vez el número de éstos.

El estrés económico y mental que genera el desempleo suele afectar negativamente a la salud de los trabajadores y sus familias. Se ha observado que la pérdida del empleo y, en particular, la amenaza de sufrirla son los factores de estrés más potentes relacionados con el trabajo y se ha demostrado que provocan enfermedades emocionales. Con el fin de evitar estos efectos perjudiciales, algunas empresas ofrecen iniciativas de reconversión profesional y ayuda para encontrar un nuevo empleo, así muchos países han adoptado leyes en las que se exige específicamente a las empresas la concesión de prestaciones sociales y econó-

micas a los trabajadores afectados.

El grupo de los subempleados está constituido por los trabajadores cuyas capacidades productivas no son plenamente utilizadas. Se incluyen aquí los trabajadores a tiempo parcial que buscan un empleo de jornada completa y los que poseen un nivel de cualificación elevado y sólo encuentran trabajos que exigen una cualificación relativamente baja. Además de la reducción de ingresos, sufren los efectos adversos que provoca el estrés por la insatisfacción en el trabajo.

El estrés económico y mental que genera el desempleo suele afectar negativamente a la salud de los trabajadores y sus familias

Extraído do site www.mtas.es/insht/EncOIT/tomo1.htm



GLOSARIO

Absorción. absorção

Amenaza. ameaça

Asimismo. também

Avance. avanço, progresso

Cualificación. qualificação

Cambio. mudança, troca

Desarrollar. desenvolver, crescer

Desempleado. desempregado

Despido. demissão

Disminuir. diminuir

Enfriar. esfriar

Entero. inteiro, íntegro, completo

Estrés. estresse

Innecesario. desnecessário

Irresoluble. insolúvel

Ley. lei

Perjudicado. prejudicado

Plantilla. conjunto de trabalhadores

Población. população

Reconversión. reconversão

Rotación. rotação, revezamento

Seguridad. segurança, garantia

Traslado. mudança

DIA DA CONFRATERNIZAÇÃO

Luis Fernando Verissimo

DE: Gerência Executiva
PARA: Todos os funcionários

Como é de conhecimento de todos, esta Empresa realiza anualmente o seu Dia da Confraternização, uma oportunidade para colegas de trabalho e seus familiares se reunirem num ambiente de conagração, descontração e sadio companheirismo. Como em outras ocasiões, o Dia da Confraternização deste ano teve lugar na Sede Campestre da Fundação que leva o nome do Fundador da nossa Empresa e saudoso pai do nosso atual Diretor-Presidente. Infelizmente, nem todos sabem compreender o espírito do evento, como atestam os desagradáveis acontecimentos, a que passamos a nos referir.

Já no primeiro jogo de futebol interdepartamental que se realizou pela manhã, Recursos Humanos x Manutenção e Oficinas, surgiram os primeiros incidentes. O doutor Almeida, assessor do nosso Departamento Jurídico, prontificou-se gentilmente a atuar como juiz. As chacotas dirigidas aos calções largos do doutor Almeida eram compreensíveis, pois estavam dentro do espírito descontraído da ocasião. Nada justifica, no entanto, a covarde agressão de que foi vítima o doutor Almeida depois de apitar o pênalti que deu a vitória ao Departamento de Recursos Humanos. No jogo Contabilidade x Almoxarifado, realizado a seguir, era evidente a intenção dos jogadores do Almoxarifado de atingir, deslealmente, o nosso estimado caixa Gurgel, que quando se recusa a des-



Texto 10 / Relações no trabalho

contar vales para o pessoal o faz por orientação da Direção e não — como pareciam pensar seus adversários — por decisão própria. Gurgel ficou desacordado até a hora da distribuição dos brindes, outros lastimáveis episódios que comentaremos adiante. O torneio de futebol atingiu o cúmulo da violência no jogo decisivo, Secretaria x Embalagem e Expedição, realizado às 3 da tarde, quando todos já reclamavam o início do churrasco e uma tentativa de invasão da churrasqueira, por parte de um grupo de mães à procura de comida para seus filhos, fora repelida à força por elementos do nosso Departamento de Segurança Interna. Houve uma batalha campal entre jogadores e assistentes e o nosso companheiro Druck, do Faturamento, que atuava como juiz, está hospitalizado até hoje. Recebendo, aliás, completa assistência da Empresa, embora não fosse um acidente de trabalho, mas tudo bem.

Como faz todos os anos, o nosso Diretor-Presidente preparou-se para dizer algumas palavras antes de começar o churrasco, agradecendo a colaboração de todos para o crescimento da Empresa durante o ano. Foi recebido com gritos de “Aí, lingüinha”, “Fala, seboso” e “Nada de discurso, queremos comida”. Também recebeu um pão na testa. Com seu conhecido espírito democrático e tolerante, nosso Diretor-Presidente decidiu suprimir o discurso. O churrasco transcorreu sem maiores incidentes, fora o prato de salada de batata despejado, à traição, sobre a cabeça do doutor Almeida, reflexo ainda da sua atuação como juiz pela manhã, mas o consumo de chope

foi alto e a certa altura ouviram-se pedidos descabidos para que a digníssima esposa do nosso Diretor Industrial, dona Morena, fizesse um *strip-tease* em cima da mesa, sendo nosso Diretor obrigado a segurar sua mulher à força. Chegou a hora de sortear os números que receberiam os brindes, o que foi feito pela digníssima esposa do nosso Diretor de Planejamento, Dona Santa, recebida com gritos de “Pelancuda! Pelancuda!” O primeiro número sorteado por Dona Santa foi o do sobrinho Roni, do Departamento de Arte, o que despertou revolta geral e gritos de “Marmelada!” Todos avançaram sobre os brindes e na confusão diversos membros do nosso Conselho Fiscal foram pisoteados e Dona Morena sofreu alguns apertões.

A Direção está disposta a esquecer os acontecimentos do Dia da Confraternização se os funcionários se comprometerem a esquecê-los também. Elementos da Secretaria e de Embalagem e Expedição têm-se envolvido em seguidas brigas durante o horário de trabalho a respeito do jogo inacabado e o doutor Almeida, cuja presença no nosso Departamento jurídico é indispensável, está impedido de aparecer na Empresa sob o risco de apanhar. Isto está afetando a nossa produção. Se as coisas continuarem assim, a Direção será obrigada a tomar medidas drásticas, podendo, inclusive, cancelar o Dia da Confraternização do próximo ano!

Extraído do livro Ed Mort e outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 1984.

UM APÓLOGO

Machado de Assis

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você,

que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido



Ilustração: Alcy

por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao

baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das muçamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faz como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Extraído do livro *Várias histórias 1896*, Volume 9, *Contos* – Editora Ática, São Paulo, 1984

A ÚLTIMA CARROÇA

Projeto de vereador paulistano proíbe o tráfego urbano de animais e veículos de tração animal

A notícia dizia: “A circulação de animais e veículos de tração animal está com os dias contados na capital. A Câmara aprovou na terça-feira (14 de março de 2006) projeto do vereador Roberto Tripoli que proíbe a prática e complementa uma lei de 1995 (*do então vereador Brasil Vita*), ainda não regulamentada. Se sancionada e virar lei, a proposta vai impedir o trabalho de carroceiros (...)”.

Na cidade são cerca de 2.500 carroças circulando entre 6 milhões de carros em 16.000 quilômetros de vias asfaltadas, uma realidade que, para o vereador Tripoli, “não comporta veículos de tração animal”. Maus-tratos aos animais são a outra alegação dessa lei que atingirá a profissão independente dos que recolhem lixo reciclável usando veículos de tração animal, os carroceiros, que diferem dos carrinheiros ou catadores, homens que

puxam sua própria carroça. Em comum eles têm a ausência de lei regulamentando a atividade, que lhes garante o mínimo sustento.

Em São Paulo, a idéia é acabar com os carroceiros, mas há cidades pensando o oposto. São José dos Campos, SP, por exemplo, promove programas de educação para os carroceiros, dando-lhes treinamento com noções de trânsito, higiene e cuidados com os animais. O Rio de Janeiro também regularizou a atividade em 2002, as carroças são registradas e os animais trabalham com horário determinado e nunca aos domingos. Em São Carlos, SP, o projeto Carroceiros do Futuro oferece gratuitamente registro, assistência veterinária, medicamentos e ferraduras. Já são 80% de carroças vistoriadas e emplacadas. Para a vereadora são-carlense Laíde das Graças Simões (PMDB), “o custo do pro-



Foto: Monica Zarattini / AE

A justificativa do projeto é de que a lentidão das carroças já não cabe nas ruas paulistanas.

grama é viável para qualquer administração pública”. Tanto que Araraquara, também no interior de São Paulo, segue os mesmos passos de São Carlos, adotando um projeto similar.

O vereador paulistano Tripoli, na justificativa à Câmara, escreveu: “O fim desse transporte é fundamental, tanto do ponto de vista da fruição (*sic*) do trânsito, como da proteção aos transeuntes e motoristas, mas também do ponto de vista ético – a barbárie a que são submetidos cavalos, burros, mulas, bois não condiz com o grau de civilidade atingido por São Paulo em pleno século XXI”.

Sancionada pelo prefeito Gilberto Kassab em 11 de abril último, a lei 14.146 já pode ser aplicada. Congratulou-se Kassab: “A louvável iniciativa do nobre

vereador vem somar com todas que objetivam a melhoria das condições de vida da comunidade paulistana, constituindo mais um fator de prevenção de risco de acidentes no trânsito e de eventuais maus-tratos a animais”.

Sete horas da manhã, avenida Marquês de São Vicente, zona oeste de São Paulo, bairro da Água Branca. César, 26 anos, negro, olhos desconfiados, cavanhaque e bigode bem recortados, chinelo, bermuda e fala tranqüila, explica que estamos na Vila Charlotte, uma área de várzea do rio Tietê onde fazem vizinhança barracos de madeira e um dos célebres conjuntos habitacionais chamados de Cingapura. Após caminhar por um trecho de terra, cruzar um campo de futebol, chegamos ao bloco 5 do conjunto Cingapura II.

Texto 12 / Trabalho informal



César nos apresenta sua sogra, Ana Maria, 48 anos, casada com o também carroceiro Clóvis César Toledo, de 47 anos, que chega em seguida. Próximo dali, numa estreita rua de terra, ficam as duas “cocheiras” improvisadas onde hospedam os cavalos. César apresenta Lulu, um castanho de 10 anos, com uma mancha branca na cara, “o xodó da sogra Ana Maria”. Ana diz que “Lulu é rápido, falam que era de corrida, mas eu não sei, não”. Ela tem “pressão alta”, leva uma vida difícil. Preocupada, pergunta se a *Caros Amigos* tem como ajudá-la a vender os cavalos, pois tem “medo de perdê-los” com a nova lei.

César e Clóvis ajeitam as carroças, perguntam a Clóvis como a coisa funciona. “Tiro a carroça da cocheira, arreio o cavalo, engato na carroça, escovo, arrumo, pego a sacaria pra recolher o material e pronto, podemos ir. Vamos em duas carroças, cada uma deve carregar no máximo 150 quilos de material recolhido.” Vou com Clóvis, enquanto o fotógrafo Cazu pega carona com César e o cavalo Baião, outro castanho, de 8 anos.

Ao primeiro tranco, a impressão é que vou despencar, mas Clóvis é hábil com as rédeas e tem uma tranquilidade impressionante. Logo pegamos a primeira rua do trajeto. O simpático Clóvis é moreno e baixinho, do tipo falante e atencioso, paulista, pai de seis filhos. Estudou até a 2ª série e começou a trabalhar com 7 anos,

numa olaria onde fez tijolos até os 15, quando então se empregou numa gráfica. Depois foi servente de pedreiro, vigia de prédio e, sem maiores chances, virou carroceiro, profissão que exerce há dez anos na informalidade. Confessa: “Não queria ser muita coisa, só que desse pra viver honestamente, um bom ordenado, como vejo certas pessoas por aí”.

— O que faz um carroceiro?

— Várias coisas: cata papel, ferro velho, plástico, mas também limpa um jardim se precisar, tudo é uma forma de ganhar um dinheiro pra quem trabalha com carroça.

— E vamos pra onde?

— O itinerário é a Água Branca, Lapa de Baixo, e a região da Santa Marina.

— Quanto tempo leva o percurso?

— Ah, se tiver material, umas duas horas. Se não tiver, em uma hora voltamos.

— O cavalo agüenta?

— Agüenta, vamos devagar e ele está ferado e alimentado. O animal trabalha no máximo quatro horas por dia, duas horas de manhã e duas de tarde.

O cavalo mencionado é o Faísca, um tordilho robusto, o jovem da turma, 7 anos, e que custou 500 reais. “Não gostaria de vender. Peguei amor no Faísca, gosto dele.” É comum os carroceiros trocarem os cavalos entre si ou comprarem em “feiras do rolo”, hoje extintas na capital.

— Como você faz nesse trânsito pra guiar a carroça?



— Com carroça, a seta é a mão e o freio é a rédea.

— E essa história de que atrapalha o trânsito?

— Acho errado. Muitos carros por aí vão devagar pela direita, tipo caminhão carregado, é a mesma coisa da carroça.

Aquele que contrariar a lei “será removido (*carroça, mercadoria ou animal*)” e para isso poderá ser utilizada “força policial”. Os animais apreendidos são examinados e registrados e o dono terá cinco dias para resgatar o seu, porém deverá apresentar carteira de vacinação do animal (contra raiva e outras doenças) e pagar – entre resgate, remoção, *microchip* e diárias no Centro de Controle de Zoonoses – aproximadamente 800 reais. Ainda terá que comprovar que é o dono do bicho com documentação ou duas testemunhas, arrumar “transporte adequado” e exibir cópia do imposto territorial rural (ITR) da propriedade rural onde ficará o animal.

Nenhuma estranheza entre os motoristas e transeuntes, ao contrário, por onde passamos os porteiros e vendedores de rua nos saúdam. Paramos no sinal fechado e pergunto a um motorista o que acha da lei: “É diferente ver cavalo e carroça andando com os carros, mas acho que não atrapalha”. Primeira parada, para recolher um engradado de plástico. Desço junto, com medo de o Faísca disparar

comigo (seria assim nas oito paradas seguintes). Outra parada e dessa vez Faísca tenta adubar o asfalto. Clóvis limpa, para manter a boa vizinhança. Quase não pegamos trânsito e Faísca segue firme no caminho que faz há cinco anos. Última parada, carroça abastecida e Clóvis recebe uma sacola ao bater nos fundos de um supermercado.

— É pão pro café. Quando a carroça chega lá de volta todos vêm atrás.

— E qual tua opinião sobre a proibição de carroças na cidade?

— Essa lei é errada, porque dependendo disso, não se consegue mais trabalho pela idade, sem estudo é difícil. Se roubar, vai preso. Só sei ser carroceiro.

— Quanto você ganha como carroceiro?

— Tem mês que dá pra tirar uns 500, vai da sorte de encontrar material.

A renda mensal de um carroceiro ou catador, segundo pesquisa da Secretaria Municipal do Trabalho, é de “um a três salários mínimos”. Os materiais mais recolhidos são “plástico (*mais de cem anos para decompor*), metal (*não se decompõe*) e papel (*de três a seis meses*)”. Cada habitante da capital produz, em média, 1,2 quilo de lixo por dia, a cidade inteira 380.000 toneladas por mês. Segundo Sabetai Calderoni, autor do livro *Os bilhões perdidos no lixo*, toda a mão-de-obra que se dedica à atividade de reciclagem movimenta, em média, 326 milhões

Texto 12 / Trabalho informal



de reais por ano. E o Brasil perde, anualmente, 4,6 bilhões de reais por não reciclar adequadamente o lixo residencial. Se o país reciclasse tudo o que é possível, ganharia 10 bilhões de reais por ano, diz Calderoni.

— E quanto custa a carroça?

— Vai do estado. Uma carroça quebrada paga 300. A minha foi 1.200, porque só o par de pneus e o eixo paguei 350, é de um Chevrolet 57.

— O que você pretende fazer?

— Pra não ficar sem nada, é vender tudo e ver outro meio de sobreviver.

São quase 9 da manhã, fim de expediente. De volta à Vila Charlotte, é como disse Clóvis: o pessoal vem atrás do pão, umas dez pessoas. Mas sobrou até para o cachorro de Clóvis, um vira-lata assustado que também ganhou sua porção. César e Cazu chegaram antes e Baião já estava pastando.

Antes de me despedir, o convite para o café no apartamento do Cingapura. A doença volta à baila. “A gente sente quando o animal não está bem. É que nem a gente, quando não se sente bem, nem levanta da cama. Animal é a mesma coisa”, diz Ana. Clóvis fala que o animal precisa ter espaço próprio e limpo a cada três dias: “A gente dá milho, capim, farelo, água, banho uma vez por semana com mangueira, injeção contra tétano, raiva, ferra o cavalo. Vai 200 reais por mês com os três cavalos”. O café preparado por

Ana é bom, mais um gole e marcamos nova visita.

O trajeto será o mesmo dali a dois dias, só mudam as fábricas que disponibilizam o material reciclável. Paramos para vender um plástico mole, 20 quilos mostra a balança e César garante 14 reais. As paradas dessa vez são cinco em quase duas horas. Como da primeira vez, nenhum transtorno pelas ruas em que circulamos. Voltamos para a Vila Charlotte e César quer me mostrar seu barraco:

— Você já entrou num barraco?

— Apenas uma vez — respondo, constrangido.

A ponte de madeira que liga a rua de terra aos quase 150 barracos do outro lado do córrego amedronta. Tem-se a impressão de que vai desabar. Os barracos, um ao lado do outro, estão amparados por toras de madeira fixadas na beirada do córrego, as quais vêm cedendo há alguns meses. O barraco de César tem 4 metros de largura por 4 de comprimento e ele mesmo ergueu. Cozinha, banheiro improvisado e o quartinho com a cama de casal. Também improvisadas são a luz, a água e as telhas que durante a noite se transformam em passarela das ratazanas que infestam a região. Uma televisão, geladeira, fogão de quatro bocas e fotos dos filhos ao lado de um pôster do time do Santos completam o cenário.

Segundo a Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano, existem 2.018



favelas no município, com 1,2 milhão de habitantes, 11% da população total.

Dois discos de vinil dos Racionais MCs, alguns CDs “piratas” de *black-music*, “é melodia do dia-a-dia”, diz César, que teve o sonho de ser jogador de futebol. Hoje, gostaria de ser bombeiro, mas não sabe como. Estudou até a 5ª série, participava do coral da igreja, tocando algumas notas ao violão, e teve poucos empregos, foi ajudante de obra e carregador de materiais de construção, “1.500 quilos por dia, no braço”. Nessa época, na rua esperando o chefe buscá-lo para o trabalho a poucos metros dali, a polícia o abordou. “Não perguntaram nada, gritaram comigo, me derrubaram e bateram. Meu chefe chegou e disse: ‘Ele trabalha pra mim, parem’. Aí pararam, mas pediram desculpas pro meu chefe, não pra mim. Chorei de raiva.”

Sua mulher se chama Leda e têm dois filhos, Júlio, de 11 meses, e Talita, de 5 anos. Em maio de 2005, grávida de Júlio, Leda entrou em trabalho de parto em meio a uma enchente na Vila Charlotte. “Tentei levá-la no carro de um amigo, mas ele encheu. Só saímos pro hospital no barco com os bombeiros. Foi um dia que fiquei desesperado.”

César também foi catador e tinha vergonha de separar lixo, mas se acostumou por força da necessidade: “A gente não tem muita instrução. Eu tava contente com os 500 reais, comprava as coisas pro barraco,

pras crianças, pra Leda. E agora?”

Me oferece um suco. Tira do armário fotos de família. Pergunta sobre uma coleção de selos que achou no lixo: “Sabe quem compra isso?” E deixa entrever que é um otimista: “Falei com a Leda, preciso me arranjar de alguma maneira, né?” Irritado com o fim das carroças, tenta entender a nova lei: “Minha esposa quase perdeu o neném na enchente e nunca ninguém veio falar nada. Os barracos estão desbarrancando pra dentro do rio, rato pra caramba. Não é só animal e carroça, a gente merece também ter um pouquinho de consideração”.

Nenhum carroceiro participou da elaboração do projeto ou foi representado. O projeto previa que o poder público criaria programas de requalificação profissional para os carroceiros, mas o artigo 21, que tratava do assunto, foi vetado pelo prefeito. Perguntada sobre o veto, a prefeitura respondeu por escrito que: “Não cabe criar programa de capacitação profissional específico para os atingidos pela nova lei, porque os programas já existentes são universais, sem distinção por categoria profissional, e podem perfeitamente atender também aos carroceiros”.

Texto de Thiago Domenici, publicado na revista Caros Amigos, nº 111, de julho de 2006.

A CIGARRA E A FORMIGA

La Fontaine

A cigarra, sem pensar em guardar,
a cantar passou o verão.
Eis que chega o inverno, e então,
sem provisão na despensa,
como saída, ela pensa
em recorrer a uma amiga:
sua vizinha, a formiga,
pedindo a ela, emprestado,
algum grão, qualquer bocado,
até o bom tempo voltar.
“Antes de agosto chegar,
pode estar certa a senhora:
pago com juros, sem mora.”
Obsequiosa, certamente,
a formiga não seria.
“Que fizeste até outro dia?”,
perguntou à imprevidente.
“Eu cantava, sim, senhora,
noite e dia, sem tristeza.”
“Tu cantavas? Que beleza!
Muito bem: pois dança agora...”

Extraído do livro *Fábulas de La Fontaine*,
de Marc Chagall – Editora Estação Liberdade.
Fonte ► www.saudeanimal.com.br



Ilustração: Alcy

A CIGARRA E A FORMIGA (A FORMIGA BOA)

Monteiro Lobato

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé do formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique...

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

— Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

— Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

— E que fez durante o bom tempo que não construiu a sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse.

— Eu cantava, bem sabe...

— Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então que cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chido nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

Extraído do livro Fábulas, de Monteiro Lobato.

TRÊS GÊNIOS DE SECRETARIA

Quando o importante é q.i.

Lima Barreto

Meu amigo Augusto Machado, de quem acabo de publicar uma pequena brochura aliteratada – *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* – mandou-me algumas notas herdadas por ele desse seu amigo, que, como se sabe, foi oficial da Secretaria dos Cultos. Coordenadas por mim, sem nada pôr de meu, eu as dou aqui, para a meditação dos leitores:

“ESTAS MINHAS memórias que há dias tento começar são deveras difíceis de executar, pois se imaginarem que a minha secretaria é de pequeno pessoal e pouco nela se passa de notável, bem avaliarão em que apuros me encontro para dar volume às minhas recordações de velho funcionário. Entretanto, sem recorrer à dificuldade, mas ladeando-a, irei sem preocupar-me com datas nem tampouco me incomodando com a ordem das cousas e fatos, narrando o que me acudir de importante, à proporção de escrevê-las. Ponho-me à obra.

Logo no primeiro dia em que funcionei na secretaria, senti bem que todos nós nascemos para empregado público. Foi a reflexão que fiz, ao me julgar tão em mim, quando, após a posse e o compromisso ou juramento, sentei-me perfeitamente à vontade na mesa que me determinaram. Nada houve que fosse surpresa, nem tive o mínimo acanhamento. Eu tinha vinte e um para vinte e dois anos; e nela me abanquei como se de há muito já o fizesse. Tão depressa foi a minha adaptação que me julguei nascido para ofício de auxiliar o Estado, com a minha reduzida gramática e o meu péssimo cursivo, na sua missão de regular a marcha e a atividade da nação.

Com familiaridade e convicção, manuseava os livros – grandes montões de papel espesso e capas de couro, que estavam destinados a durar tanto quanto as pirâmides do Egito. Eu sentia muito menos aquele registro de decretos e portarias e eles pareciam olhar-me respeitosamente e pedir-me sempre a carícia das minhas mãos e a doce violência da minha escrita.

Ilustração: Alcy



Puseram-me também a copiar ofícios e a minha letra tão má e o meu desleixo tão meu, muito papel fizeram-me gastar, sem que isso redundasse em grande perturbação no desenrolar das cousas governamentais.

Mas, como dizia, todos nós nascemos para funcionário público. Aquela placidez do ofício, sem atritos, nem desconjuntamentos violentos; aquele deslizar macio durante cinco horas por dia; aquela mediania de posição e fortuna, garantindo inabalavelmente uma vida medíocre – tudo isso vai muito bem com as nossas vistas e os nossos temperamentos. Os dias no emprego do Estado nada têm de imprevisito, não pedem qualquer espécie de esforço a mais, para viver o dia seguinte. Tudo corre calma e suavemente, sem colisões, nem sobresaltos, escrevendo-se os mesmos papéis e avisos, os mesmos decretos e portarias, da mesma maneira, durante todo o ano, exceto os dias feriados, santificados e os de ponto facultativo, invenção das melhores da nossa República.

De resto, tudo nele é sossego e quietude. O corpo fica em cômodo jeito; o espírito aquieta-se, não tem efervescência nem angústias; as praxes estão fixas e as fórmulas já sabidas. Pensei até em casar, não só

Texto 14 / Alienação do trabalho

para ter uns bate-bocas com a mulher, mas, também, para ficar mais burro, ter preocupações de “pistolões”, para ser promovido. Não o fiz; e agora, já que não digo a ente humano, mas ao discreto papel, posso confessar por que. Casar-me, no meu nível social, seria abusar-me com a mulher, pela sua falta de instrução e cultura intelectual; casar-me acima, seria fazer-me lacaio dos figurões, para darem-me cargos, propinas, gratificações, que satisfizessem às exigências da esposa. Não queria uma nem outra coisa. Houve uma ocasião em que tentei solver a dificuldade, casando-me ou coisa que o valha, abaixo da minha situação. É a tal história da criada... Aí foram a minha dignidade pessoal e o meu cavalheirismo que me impediram.

Não podia, nem devia ocultar a ninguém e de nenhuma forma, a mulher com quem eu dormia e era mãe dos meus filhos. Eu ia citar Santo Agostinho, mas deixo de fazê-lo para continuar a minha narração...

Quando, de manhã, novo ou velho no emprego, a gente se senta na sua mesa oficial, não há novidade de espécie alguma e, já da pena, escreve devagarinho: “Tenho a honra”, etc., etc.; ou, republicanamente, “Declaro-vos para os fins convenientes” etc... etc. Se há mudança, é pequena e o começo é já bem sabido: “Tenho em vistas”... – ou “Na forma do disposto”...

Às vezes o papel oficial fica semelhante a um estranho mosaico de fórmulas e chapas; e são os mais difíceis, nos quais o doutor Xisto Rodrigues brilhava como mestre inigualável.

O doutor Xisto já é conhecido dos senhores, mas não é dos outros gênios da Secretaria dos Cultos. Xisto é estilo antigo. Entrou honestamente, fazendo um concurso decente e sem padrinhos. Apesar da sua pulhice bacharelesca e a sua limitação intelectual, merece respeito pela honestidade que põe em todos os atos de sua vida, mesmo como funcionário. Sai à hora regulamentar e entra à hora regulamentar. Não bajula. Nem recebe gratificações.

Os dois outros, porém, são mais modernizados. Um é “charadista”, o homem que o diretor consulta, que dá as informações confidenciais, para o presidente e o ministro promoverem os amanuenses. Este ninguém sabe como entrou para a secretaria; mas logo ganhou a confiança de todos, de todos se fez amigo e, em pouco, subiu três passos

na hierarquia e arranjou quatro gratificações mensais ou extraordinárias. Não é má pessoa, ninguém se pode aborrecer com ele: é uma criação do ofício que só amofina os outros, assim mesmo sem nada estes saberem ao certo, quando se trata de promoções. Há casos muito interessantes; mas deixo as proezas dessa inferência burocrática, em que o seu amor primitivo a charadas, ao logogrifo e aos enigmas pitorescos pôs-lhe sempre na alma uma caligem de mistério e uma necessidade de impor aos outros adivinhação sobre ele mesmo. Deixo-a, dizia, para tratar do “auxiliar de gabinete”. É este a figura mais curiosa do funcionalismo moderno. É sempre doutor em qualquer coisa; pode ser mesmo engenheiro hidráulico ou eletricitista. Veio de qualquer parte do Brasil, da Bahia ou de Santa Catarina, estudou no Rio qualquer coisa; mas não veio estudar, veio arranjar um emprego seguro que o levasse maciamente para o fundo da terra, donde deveria ter saído em planta, em animal e, se fosse possível, em mineral qualquer. É inútil, vadio, mau e pedante, ou antes, pernóstico.

Instalado no Rio, com fumaças de estudante, sonhou logo arranjar um casamento, não para conseguir uma mulher, mas, para arranjar um sogro influente, que o empregasse em qualquer coisa, solidamente. Quem como ele faz de sua vida, tão-somente, caminho para o cemitério, não quer muito: um lugar em uma secretaria qualquer serve. Há os que vêm mais alto e se servem do mesmo meio; mas são a quintessência da espécie.

Na Secretaria dos Cultos, o seu típico e célebre “auxiliar de gabinete”, arranjou o sogro dos seus sonhos, num antigo professor do seminário, pessoa muito relacionada com padres, frades, sacristães, irmãs de caridade, doutores em cânones, definidores, fabriqueiros, fornecedores e mais pessoal eclesiástico.

O sogro ideal, o antigo professor, ensinava no seminário uma física muito própria aos fins do estabelecimento, mas que havia de horripilar o mais medíocre aluno de qualquer estabelecimento leigo.

Tinha ele uma filha a casar e o “auxiliar de gabinete” logo viu no seu casamento com ela o mais fácil caminho para arranjar uma barrigazinha estufadinha e uma bengala com castão de ouro.

Houve exame na Secretaria dos Cultos, e o “sogro”, sem escrú-

Texto 14 / Alienação do trabalho

pulo algum, fez-se nomear examinador do concurso para o provimento do lugar e meter nele “o noivo”.

Que se havia de fazer? O rapaz precisava.

O rapaz foi posto em primeiro lugar, nomeado e o velho sogro (já o era de fato) arranhou-lhe o lugar de “auxiliar de gabinete” do ministro. Nunca mais saiu dele e, certa vez, quando foi, pró-fórmula se despedir do novo ministro, chegou a levantar o reposteiro para sair; mas, nisto, o ministro bateu na testa e gritou:

— Quem é aí o doutor Mata-Borrão?

O homenzinho voltou-se e respondeu, com algum tremor na voz e esperança nos olhos:

— Sou eu, excelência.

— O senhor fica. O seu “sogro” já me disse que o senhor precisa muito.

É ele assim, no gabinete, entre os poderosos; mas, quando fala a seus iguais, é de uma prosápia de Napoleão, de quem se não conhecesse a Josefina.

A todos em que ele vê um concorrente, traiçoeiramente desacredita: é bêbedo, joga, abandona a mulher, não sabe escrever “comissão”, etc. Adquiriu títulos literários, publicando a *Relação dos Padroeiros das Principais Cidades do Brasil*; e sua mulher quando fala nele, não se esquece de dizer: “Como Rui Barbosa, o Chico...” ou “Como Machado de Assis, meu marido só bebe água”.

Gênio doméstico e burocrático, Mata-Borrão não chegará, apesar da sua maledicência interesseira, a entrar nem no inferno. A vida não é unicamente um caminho para o cemitério; é mais alguma coisa e quem a enche assim, nem Belzebu o aceita. Seria desmoralizar o seu império; mas a burocracia quer desses amorfos, pois ela é das criações sociais aquela que mais atrozmente tende a anular a alma, a inteligência, e os influxos naturais e físicos ao indivíduo. É um expressivo documento de seleção inversa que caracteriza toda a nossa sociedade burguesa, permitindo no seu campo especial, com a anulação dos melhores da inteligência, de saber, de caráter e criação, o triunfo inexplicável de um Mata-Borrão por aí.

Pela cópia, conforme.

Extraído do livro O homem que sabia javanês e outros contos.

O FAZENDEIRO E OS FILHOS

Um fazendeiro sentiu a morte próxima e chamou os filhos para contar um segredo.

— Meus filhos, eu vou morrer. Quero dizer que no nosso terreno há um tesouro escondido. Se vocês cavarem, vão encontrar.

Logo que o pai morreu, os filhos pegaram pás e ancinhos e reviraram o terreno de todo jeito, procurando o tesouro. Não acharam nada, mas a terra trabalhada produziu uma colheita nunca vista.

Parábola de domínio público.

O QUE A LEI GARANTE AO TRABALHADOR

Os 34 incisos do artigo 7º do capítulo II da Constituição listam todos os direitos de quem tem um emprego



Foto: Sebastião Moreira / AE

Constituição Brasileira

Título II

Dos Direitos e Garantias Fundamentais

Capítulo II

Dos Direitos Sociais

Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:

- I.** relação de emprego protegida contra despedida arbitrária ou sem justa causa, nos termos de lei complementar, que preverá indenização compensatória, dentre outros direitos;
- II.** seguro-desemprego, em caso de desemprego involuntário;
- III.** fundo de garantia do tempo de serviço;

IV. salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim;

V. piso salarial proporcional à extensão e à complexidade do trabalho;

VI. irredutibilidade do salário, salvo o disposto em convenção ou acordo coletivo;

VII. garantia de salário, nunca inferior ao mínimo, para os que percebem remuneração variável;

VIII. décimo terceiro salário com base na remuneração integral ou no valor da aposentadoria;

IX. remuneração do trabalho noturno superior à do diurno;

X. proteção do salário na forma da lei, constituindo crime sua retenção dolosa;

XI. participação nos lucros, ou resultados, desvinculada da remuneração, e, excepcionalmente, participação na gestão da empresa, conforme definido em lei;

XII. salário-família para os seus dependentes;

XIII. duração do trabalho normal não

superior a oito horas diárias e quarenta e quatro semanais, facultada a compensação de horários e a redução da jornada, mediante acordo ou convenção coletiva de trabalho;

XIV. jornada de seis horas para o trabalho realizado em turnos ininterruptos de revezamento, salvo negociação coletiva;

XV. repouso semanal remunerado, preferencialmente aos domingos;

XVI. remuneração do serviço extraordinário superior, no mínimo, em cinquenta por cento à do normal;

XVII. gozo de férias anuais remuneradas com, pelo menos, um terço a mais do que o salário normal;

XVIII. licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com a duração de cento e vinte dias;

XIX. licença-paternidade, nos termos fixados em lei;

XX. proteção do mercado de trabalho da mulher, mediante incentivos específicos, nos termos da lei;

XXI. aviso prévio proporcional ao tempo de serviço, sendo no mínimo de trinta dias, nos termos da lei;

XXII. redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança;

Texto 16 / Direitos do trabalhador

XXIII. adicional de remuneração para as atividades penosas, insalubres ou perigosas, na forma da lei;

XXIV. aposentadoria;

XXV. assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até seis anos de idade em creches e pré-escolas;

XXVI. reconhecimento das convenções e acordos coletivos de trabalho;

XXVII. proteção em face da automação, na forma da lei;

XXVIII. seguro contra acidentes de trabalho, a cargo do empregador, sem excluir a indenização a que este está obrigado, quando incorrer em dolo ou culpa;

XXIX. ação, quanto a créditos resultantes das relações de trabalho, com prazo prescricional de:

a) cinco anos para o trabalhador urbano, até o limite de dois anos após a extinção do contrato;

b) até dois anos após a extinção do contrato, para o trabalhador rural;

XXX. proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil;

XXXI. proibição de qualquer discriminação no tocante a salário e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência;

XXXII. proibição de distinção entre trabalho manual, técnico e intelectual ou entre os profissionais respectivos;

XXXIII. proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre aos menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de quatorze anos, salvo na condição de aprendiz;

XXXIV. igualdade de direitos entre o trabalhador com vínculo empregatício permanente e o trabalhador avulso.

Parágrafo único São assegurados à categoria dos trabalhadores domésticos os direitos previstos nos incisos IV, VI, VIII, XV, XVII, XVIII, XIX, XXI e XXIV, bem como a sua integração à previdência social.



BRASIL DIVIDIDO

Mais da metade dos trabalhadores brasileiros vive na informalidade



Empreendedores “informais”, como os das bancas do Largo da Batata em São Paulo, não têm benefícios trabalhistas e não recolhem impostos.

Elas habitam um mundo de tons cinzentos. Procuram sobreviver no improviso, escapar das armadilhas da burocracia e do pagamento de impostos. São camelôs, barraqueiros, donos de fábricas de fundo de quintal. Alguns resvalam para a ilegalidade, vendem cigarros e remédios falsificados, CDs piratas ou badulaques. São também pessoas diplomadas que dão consultoria ou atuam como *personal trainers*. Tem de tudo no mundo da informalidade. O Brasil é um dos campeões nesse ter-

ritório. Nada menos do que 52,6% dos brasileiros que praticam alguma atividade remunerada gravitam em ambientes informais. Em 2002 eram 36,3 milhões de pessoas, entre 69,1 milhões de trabalhadores que recebiam algum tipo de pagamento. Os dados são do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) com base em informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O problema é crescente, especialmente nas regiões metropolitanas e, dentro delas, no setor de serviços.

Texto 17 / Trabalho informal

De acordo com os especialistas do Ipea, o crescimento da informalidade no Brasil resulta de uma acomodação da economia, que ocorreu porque a indústria deu um salto de produtividade e passou a produzir mais com menos gente. Ao mesmo tempo, terceirizou atividades, muitas para empresas de serviços de limpeza, segurança ou alimentação.

Os dados indicam que o setor industrial não apenas está empregando menos, também é nele que se registra o maior crescimento da informalidade.

Um estudo da consultoria McKinsey revela que o maior grau de informalidade está no setor agropecuário. Ali, 90% da mão-de-obra não têm vínculo empregatício. O menor nível de informalidade é o do setor de veículos automotores, que ostenta um índice de apenas 9%.

Um problema nacional

A informalidade é um problema para o país por várias razões. Primeiro porque quem trabalha sem registro vive sem qualquer rede de proteção. Não tem direito a férias, 13º salário nem Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Depois, porque uma empresa não investe na capacitação de um trabalhador que não tem vínculo com seu negócio – o que, numa perspectiva mais larga, prejudica a competitividade da economia do país como um todo. Em terceiro lugar, porque empresas e pessoas que vivem na informalidade não pagam impostos – o

que prejudica as contas públicas e dificulta investimentos necessários para o bem comum. E também porque, embora não contribuam, os trabalhadores informais têm direito à assistência médica e à aposentadoria – uma despesa que está sendo coberta por um número cada vez menor de trabalhadores e empresas formais.

De acordo com o relatório da McKinsey, a opção pela informalidade está relacionada ao alto custo do cumprimento das leis, que estimula as empresas menos produtivas a permanecer nessas condições. É cada vez mais comum a opção pela informalidade para não cumprir exigências trabalhistas, previdenciárias ou relacionadas à segurança do trabalho. “O pequeno empresário não paga os encargos trabalhistas porque eles pesam relativamente mais em seu faturamento do que no de uma grande empresa”, diz Ricardo Tortorella, economista e consultor do Sebrae Nacional. O custo relativo da assistência à saúde e da segurança no trabalho também é muito mais pesado para as pequenas empresas. O trabalhador informal, por seu lado, tem acesso ao Sistema Único de Saúde. Deixa de ter direito ao seguro desemprego, ao seguro acidente de trabalho e ao seguro maternidade, mas não precisa abrir mão de uma parte de sua receita em favor da Previdência Social.

Extraído do texto de Ottoni Fernandes Jr. publicado na revista Desafios do Desenvolvimento, ano 1, nº 4, novembro de 2004.

ELES TRABALHAM FEITO CAVALOS

O desemprego e a fatura de lixo nas grandes cidades fizeram surgir uma categoria de trabalhadores que não pára de crescer: a dos moradores de rua que sobrevivem catando lixo reciclável com a ajuda de uma carroça. Quase sempre é assim: quando conseguem se estruturar um pouco, pagam 40 reais por um eixo de automóvel no ferro-velho, montam uma carroça e passam a viver do que conseguem apurar na venda do material.

Na cidade de São Paulo, a população de rua mais que dobrou em dez anos: em 1993, de acordo com a Secretaria de Assistência Social, era de 4.549 pessoas e em 2003 pulou para 10.300, sendo que 3.200 delas viviam de catar lixo. Grande parte trabalha com carroças. A coordenação do Programa de Coleta Coletiva Solidária de São Paulo calcula que existam de 6.000 a 9.000 catadores nas áreas que englobam as 31 subprefeituras da cidade. Conflitos familiares, alcoolismo e desemprego são as principais causas desse aumento.

Concorrência acirrada

Para os catadores, comprar uma carroça é o primeiro passo para reorganizar a vida e recuperar dignidade. Além disso, esse trabalho gera benefícios para a cidade. “Nossa atividade deveria ser reconhecida como profissão. Evitamos a destruição da natureza com a reciclagem de materiais e ajudamos a prefeitura a economizar recursos com aterros sanitários, porque desviamos parte dos materiais que iriam para lá”, diz Nelson da Silva, morador de rua há seis anos.

Eustáquio fatura de 300 a 400 reais por mês e se considera privilegiado: “Quem corre atrás de material na rua acha cada vez menos”, diz. Não faz muito tempo dava para tirar 200 reais por semana. “Todo mundo está tirando material da rua”, reclama. Todo mundo, no caso, são: os prédios que passaram a separar o próprio lixo para a reciclagem e o entregam para a prefeitura; os carroceiros cada vez em maior número; os caminhões dos depósitos e os de coleta regular.

Texto 18 / Trabalho precário

A concorrência é forte. “Um saco de lixo na rua é mexido por muita gente”, diz Fábio. Primeiro vêm os andarilhos que não têm carroça porque não podem comprar ou porque não têm força para puxar uma. Catam com sacos, buscam principalmente latinhas de alumínio e ganham de 3 a 4 reais por dia. Dá para viver? “Não, dá só para comprar o goró”, diz Eustáquio. Depois vêm os carroceiros. Em seguida, os caminhões. Segredo do negócio: correr para pegar o lixo fresquinho.

Entretanto, para catadores associados a cooperativas, o programa municipal é um meio de inclusão social. O material é recolhido pelos caminhões e processado por cooperativas, em centrais criadas e equipadas pela prefeitura.

Nesses centros trabalham, diretamente, os catadores cooperados; e, indiretamente, os outros que vendem ali seus materiais. A inclusão social é apenas um dos objetivos do projeto, além da

educação ambiental dos cidadãos, da preservação de recursos naturais e da redução da quantidade de lixo encaminhada aos aterros sanitários.

Uma das vantagens de fazer parte da cooperativa é receber um valor maior pelo material, pois ele é vendido diretamente à indústria recicladora sem passar pelos depósitos. Em contrapartida, uma das exigências da prefeitura para entregar a gestão da central às cooperativas é que elas estabeleçam horários de trabalho para os catadores. Nem todos querem saber disso.

Os catadores que não se organizarem vão continuar como Eustáquio e Fábio: disputando material com os caminhões e recebendo o que os depósitos pagam pela coleta do dia. No caso do papelão, os depósitos pagam em torno de 13 centavos o quilo, enquanto que, se venderem diretamente à indústria, eles recebem 30 centavos.

Fragmentos do artigo de Patrícia Cornils, publicado na internet em 18/6/2004 no site www.nominimo.com.br

O garoto Tiago Marques (16 anos), que trabalha como catador de papel.

Em 2006, o número de catadores na cidade de São Paulo passou a ser de 20.000 pessoas, sendo que 2.500 delas utilizam cavalos ou jumentos para puxar a carroça. Uma lei sancionada em abril de 2006 pela prefeitura de São Paulo agora proíbe a utilização de animais para esse fim, o que dificulta ainda mais a vida dessa classe trabalhadora: os animais serão recolhidos, o dinheiro investido estará perdido e as pessoas terão de encontrar outra forma de sobrevivência.

Foto: Cleber Bonato / AE



TRABALHO INFANTIL

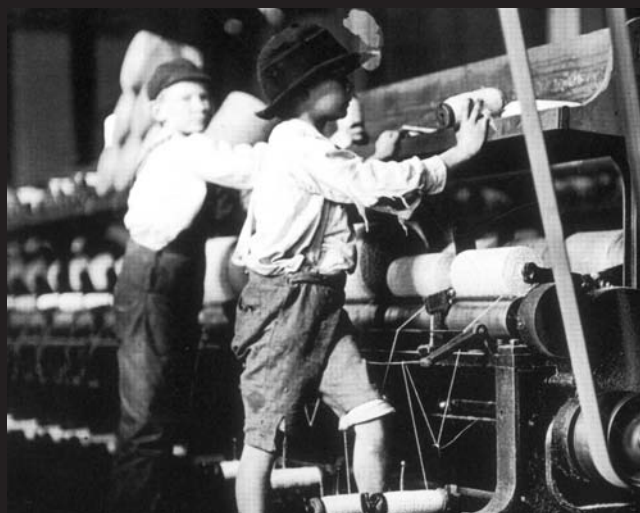
Uma realidade que precisa ser mudada

Foto: Dida Sampaio / AE



Abrindo o fumo

Foto: Lewis Hine



Operando a máquina

Foto: Eptácio Pessoa / AE



Quebrando pedra

A METAMORFOSE

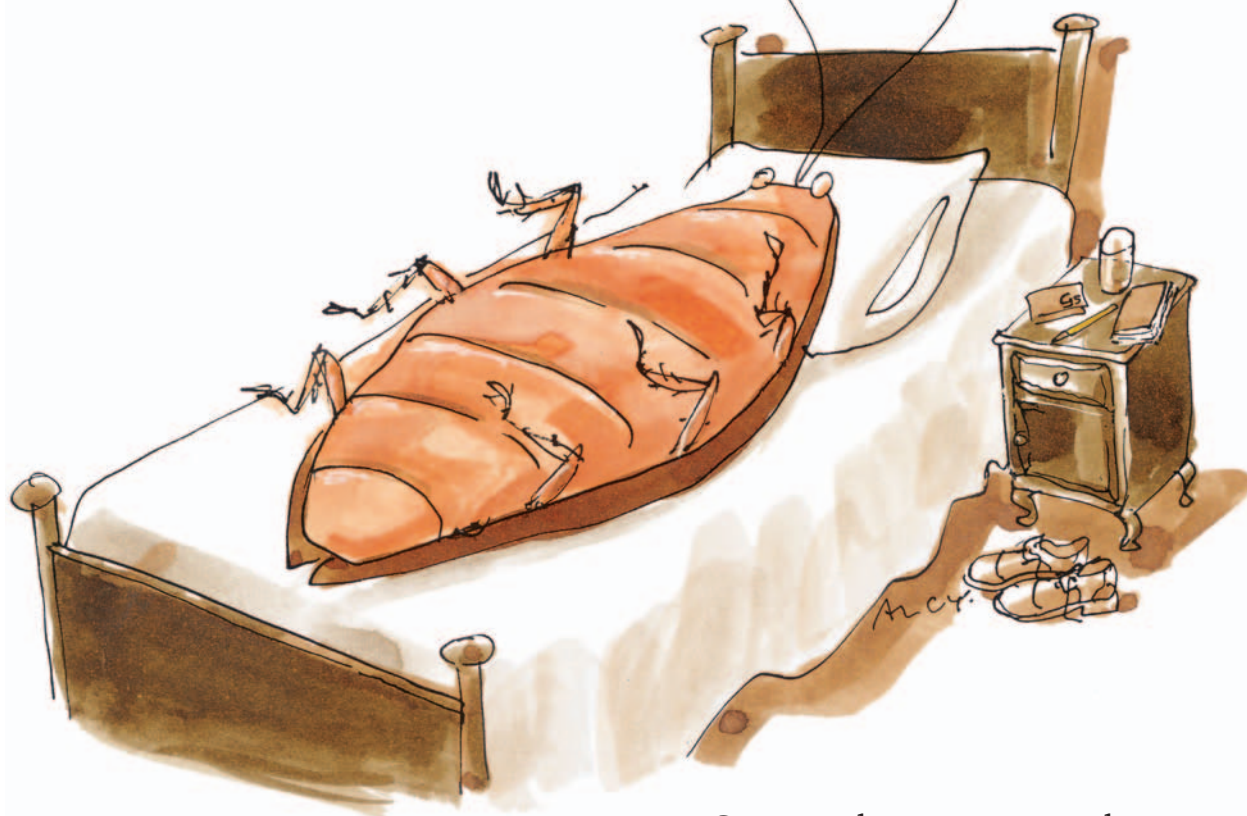


Ilustração: Alcy

Franz Kafka

Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregório Samsa deu por si na cama transformado num gigantesco inseto. Estava deitado sobre o dorso, tão duro que parecia revestido de metal, e, ao levantar um pouco a cabeça, divisou o arredondado ventre castanho dividido em duros segmentos arqueados, sobre o qual a colcha dificilmente mantinha a posição e estava a ponto de escorregar.

Comparadas com o resto do corpo, as inúmeras pernas, que eram miseravelmente finas, agitavam-se desesperadamente diante de seus olhos.

Que me aconteceu? — pensou. Não era nenhum sonho. O quarto, um vulgar quarto humano, apenas bastante acanhado, ali estava, como de costume, entre as quatro paredes que lhe eram familiares. Por cima da mesa, onde estava deitado, desembrulhada e em completa desordem, uma série de amostras de roupas; Samsa era caixeiro-viajante, estava pendurada a fotografia que recentemente recortara de

uma revista ilustrada e colocara numa bonita moldura dourada. Mostrava uma senhora, de chapéu e estola de peles, rigidamente sentada, a estender ao espectador um enorme regalo de peles, onde o antebraço sumia!

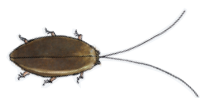
Gregório desviou então a vista para a janela e deu com o céu nublado — ouviam-se os pingos de chuva a baterem na calha da janela e isso o fez sentir-se bastante melancólico. Não seria melhor dormir um pouco e esquecer todo este delírio? — cogitou. Mas era impossível, estava habituado a dormir para o lado direito e, na presente situação, não podia virar-se. Por mais que se esforçasse por inclinar o corpo para a direita, tornava sempre a rebolar, ficando de costas. Tentou, pelo menos, cem vezes, fechando os olhos, para evitar ver as pernas a debaterem-se, e só desistiu quando começou a sentir no flanco uma ligeira dor entorpecida que nunca antes experimentara.

Oh, meu Deus, pensou, que trabalho tão cansativo escolhi! Viajar, dia sim, dia não. É um trabalho muito mais irritante do que o trabalho do escritório propriamente dito, e ainda por cima há também o desconforto de andar sempre a viajar, preocupado com as ligações dos trens, com a cama e com as refeições irregulares, com conhecimentos casuais, que são sempre novos e nunca se tornam amigos íntimos.

Diabos levem tudo isto! Sentiu uma leve comichão na barriga; arrastou-se lentamente sobre as costas, mais para cima na cama, de modo a conseguir mexer mais facilmente a cabeça, identificou o local da comichão, que estava rodeado de uma série de pequenas manchas brancas cuja natureza não compreendeu no momento, e fez menção de tocar lá com uma perna, mas imediatamente a retirou, pois, ao seu contato, sentiu-se percorrido por um arrepio gelado.

Voltou a deixar-se escorregar para a posição inicial. Isto de levantar cedo, pensou, deixa a pessoa estúpida. Um homem necessita de sono. Há outros comerciantes que vivem como mulheres de harém. Por exemplo, quando volto para o hotel, de manhã, para tomar nota das encomendas que tenho, esses se limitam a sentar-se à mesa para o café da manhã. Eu que tentasse sequer fazer isso com o meu patrão: seria logo despedido. De qualquer maneira, era capaz de ser bom para mim — quem sabe? Se não tivesse de me agüentar, por causa dos meus pais, há muito tempo que me teria despedido; iria ter com o patrão e lhe falar exatamente o que penso dele. Havia de deitar-me em cima da mesa do escritório! Também é um hábito esquisito, esse de se sentar à mesa em plano elevado e falar para baixo para



Texto 20 / Alienação do trabalho

os empregados, tanto mais que eles têm de aproximar-se bastante, porque o patrão é ruim de ouvido. Bem, ainda há uma esperança; depois de ter economizado o suficiente para pagar o que os meus pais lhe devem — o que deve levar outros cinco ou seis anos —, faço-o, com certeza. Nessa altura, vou me libertar completamente. Mas, para agora, o melhor é me levantar, porque o meu trem parte às 5.

Olhou para o despertador, que fazia tique-taque na cômoda. Pai do Céu! — pensou. Eram 6 e meia e os ponteiros moviam-se em silêncio, até passava da meia hora, era quase um quarto para as 7. O despertador não teria tocado? Da cama, via-se que estava corretamente regulado para as 4; claro que devia ter tocado. Sim, mas seria possível dormir sossegadamente no meio daquele barulho que trespassava os ouvidos? Bem, ele não tinha dormido sossegadamente; no entanto, aparentemente, se assim era, ainda devia ter sentido mais o barulho. Mas que faria agora? O próximo trem saía às 7; para o apanhar tinha de correr como um doido, as amostras ainda não estavam embrulhadas e ele próprio não se sentia particularmente fresco e ativo. E, mesmo que apanhasse o trem, não conseguiria evitar uma reprimenda do chefe, visto que o porteiro da firma havia de ter esperado o trem das

5 e há muito teria comunicado a sua ausência. O porteiro era um instrumento do patrão, invertebrado e idiota. Bem, suponhamos que dizia que estava doente? Mas isso seria muito desagradável e pareceria suspeito, porque, durante cinco anos de emprego, nunca tinha estado doente. O próprio patrão certamente iria lá à casa com o médico da Previdência, repreenderia os pais pela preguiça do filho e poria de parte todas as desculpas, recorrendo ao médico da Previdência, que, evidentemente, considerava toda a humanidade um bando de falsos doentes perfeitamente saudáveis. E enganaria assim tanto desta vez? Efetivamente, Gregório sentia-se bastante bem, à parte uma sonolência que era perfeitamente supérflua depois de um tão longo sono, e sentia-se mesmo esfomeado.

(...)

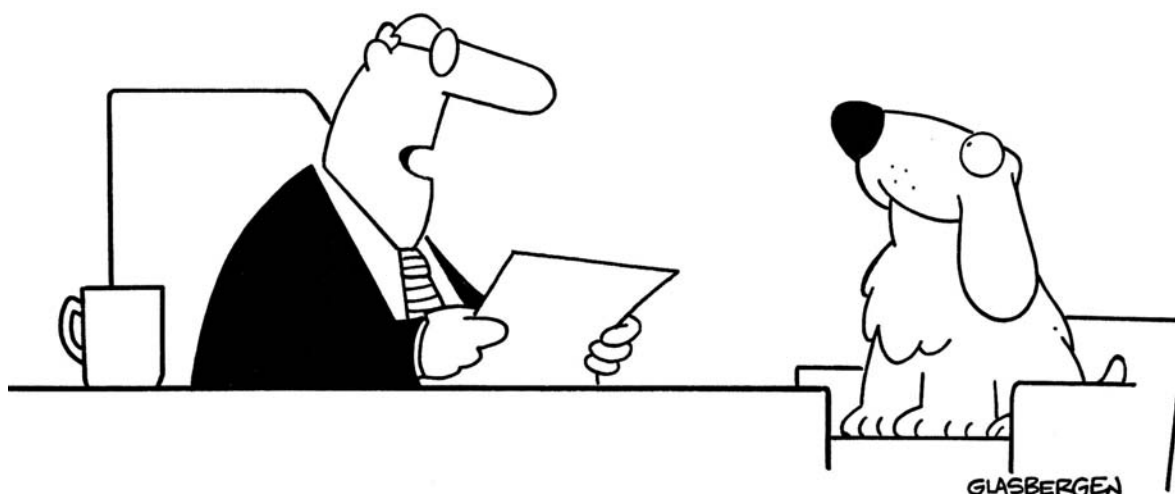
O escritor **Franz Kafka**, de nacionalidade alemã, nasceu na Tcheco-Eslóvia em 1883. A metamorfose é sua obra mais conhecida, com a ação do personagem desenrolando-se em clima fantástico e angustiante, a ponto de o nome do autor ter sofrido declinações, como a expressão "kafkiano", para qualificar situações obscuras e de sofrimento monumental. Kafka morreu na Alemanha em 1924.

Trecho de *A metamorfose*, de Franz Kafka.



THE IDEAL EMPLOYEE

Randy Glasbergen



“Loyalty and enthusiasm are the two things
I value most in an employee. You’re hired!”

DE DAR DÓ

Composição de
dj Dolores

É da calçada pro transporte
Do transporte pro trabalho
Do trabalho para a morte
A vida do operário

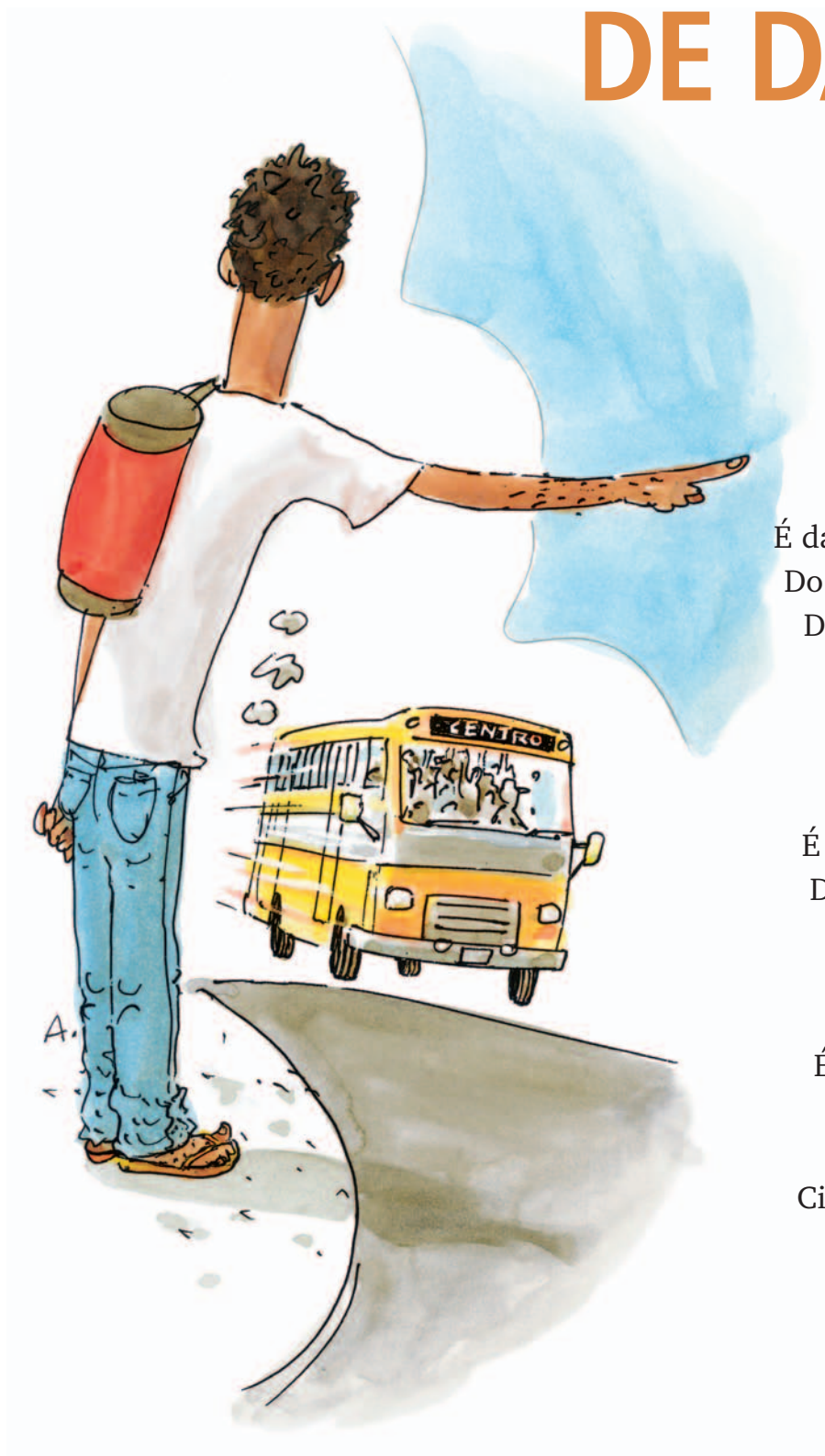
(...)

É da verdade pra mentira
Da palavra, conformação
Da notícia pro real
Pro rádio, pra televisão

É do morro para a ponte
Do rio para o oceano
Corre o dia no Recife
Cidade dos meus enganos

(...)

Ilustração: Alcy



Tatiane Batista Macedo

O CAMELO

Acorda, João,
Já passa das cinco.
O relógio não pára, a vida não pára.
É hora de ir para a vinte e cinco,
Vender as mercadorias
Que, com os únicos centavos e tantos esforços, acabou de comprar.
No corre-corre, no grita-grita:
— Três por um real!
João nem se dá conta
Que, às suas costas,
O policial durante a ronda
Leva as mercadorias.
João, e agora?
E agora, João?
Como comprará o leite da Gabriela,
O pão do Pedro,
A saia da Maria?
E agora, João?
Como pagará o aluguel ao seu Manuel?
João, e agora?
Os policiais ainda amarram os sacos.
João volta.
Não pode.
João pega.
Não dá!
João é impedido.
Não pode! Não pega! Não dá!
Corre, corre agora?
E o leite e o aluguel e a saia e o pão?
Não posso, não dá.
No corre-corre, no grita-grita,
O único som: uma lágrima caindo...

Publicado em www.dedic.com.br

EMPREGO E DESEMPREGO

Emprego é a função e a condição das pessoas que trabalham, em caráter temporário ou permanente, em qualquer tipo de atividade econômica. Por desemprego se entende a condição ou situação das pessoas incluídas na faixa das “idades ativas” (em geral, entre 14 e 65 anos), que estejam, por determinado prazo, sem realizar trabalho em qualquer tipo de atividade econômica.

Tipos de desemprego

Desemprego estrutural: característico dos países subdesenvolvidos. Explica-se pelo excesso de mão-de-obra empregada na agricultura e atividades correlatas e pela insuficiência dos equipamentos de base que levariam à criação cumulativa de emprego.

Desemprego tecnológico: atinge sobretudo os países mais adiantados. Resulta da substituição do homem pela máquina e é representado pela maior procura de técnicos e especialistas e pela queda, em maior

proporção, da procura dos trabalhos meramente braçais.

Desemprego conjuntural: também chamado desemprego cíclico, característico da depressão, quando os bancos retraem os créditos, desestimulando os investimentos, e o poder de compra dos assalariados cai em consequência da elevação de preços.

Desemprego friccional: motivado pela mudança de emprego ou atividade dos indivíduos. É o tipo de desemprego de menor significação econômica.

Desemprego temporário: forma de subemprego comum nas regiões agrícolas, motivado pelo caráter sazonal do trabalho em certos setores agrícolas.

Nos países capitalistas, a desocupação de 3% da força de trabalho é considerada normal e só acima desse índice é que se fala em desemprego. Há quem considere essa cota necessária ao desenvolvimento da indústria: afirmam que certa porcentagem

de desemprego é salutar à economia, por constituir reserva de mão-de-obra para a expansão industrial.

Desemprego na América Latina

O potencial de mão-de-obra no continente latino-americano está longe de seu pleno aproveitamento. Na economia agropecuária há um desemprego disfarçado, difícil de calcular em termos estatísticos. Como nessa região do mundo coexistem formas de exploração da terra em regime semifeudal e pré-capitalista, ocorre também o subemprego rural, decorrente da concentração da propriedade da terra.

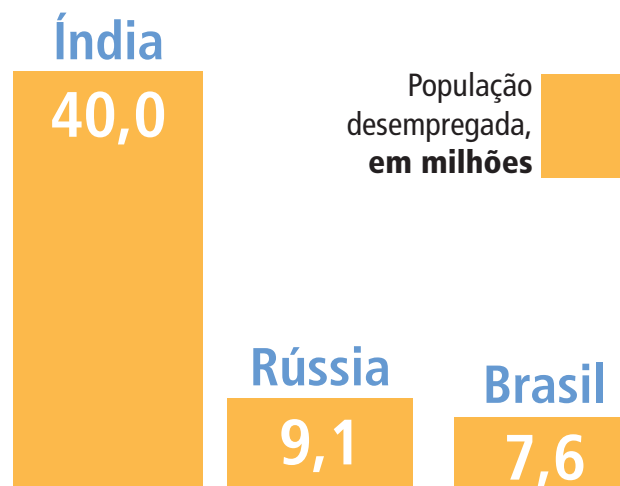
Calcula-se de 25% a 30% o potencial de trabalho perdido por meio do desemprego e do subemprego.

A taxa de crescimento demográfico, bastante alta nos países menos desenvolvidos, não é a principal causa de subutilização da força de trabalho. O problema se deve basicamente aos graves desequilíbrios e inadequações nos sistemas econômicos e sociais, entre eles a má distribuição de renda.

Desemprego no Brasil

O Brasil tem 7,6 milhões de desempregados, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 1999 (PNAD-1999). Ele fica em terceiro lugar em núme-

TOP 3 DO DESEMPREGO



Lavanderia popular na Índia, país com maior número total de desempregados no mundo.



Texto 24 / Desemprego

ro de desempregados no mundo. Acima dele estão a Índia, com quase 40 milhões, e a Rússia, com 9,1 milhões, segundo cálculo feito pelo economista Márcio Pochmann, da Unicamp. Em agosto de 2000, a taxa média de desemprego foi de 7,15%. Esse cálculo é feito pela Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE nas seis principais regiões metropolitanas do país e serve como indicativo da taxa global do Brasil.

Esse problema se agrava ao longo da década de 1990. A taxa de desemprego, que era de 4,03% em agosto de 1991, chega a 7,80% em agosto de 1998. Nos primeiros oito meses de 2000, a taxa é, em média, de 7,65%.

O fator que mais contribui para o aumento do desemprego é o baixo ritmo de crescimento econômico do país. No período 1991-1999, a taxa média anual de incremento do PIB é de apenas 2,5%. Com isso, menos oportunidades de emprego são criadas. As crises externas, como o ataque especulativo na Ásia, em 1997, e a moratória da Federação Russa, em 1998, também contribuem para o crescimento lento da economia brasileira.

Taxa de desemprego

A taxa de desemprego é uma porcentagem da População Economicamente Ativa que pode ser calculada com base em dife-

rentes metodologias. No Brasil, além do IBGE, a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Sócio-Econômicos (Dieese) medem a taxa de desemprego. O IBGE utiliza o critério de desemprego aberto, no qual somente as pessoas que no período de referência estavam disponíveis para trabalhar e realmente procuraram trabalho são consideradas desempregadas. O cálculo é feito com base em dados de seis regiões metropolitanas: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife. O Seade e o Dieese — que realizam a pesquisa no Distrito Federal e nas regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Recife — adotam o critério de desemprego total, que engloba também o desemprego oculto. Nessa categoria estão aqueles que não procuraram emprego por desalento ou porque estavam exercendo um trabalho precário. Esses cálculos levam a resultados muito diferentes. Na região metropolitana de São Paulo, por exemplo, enquanto o IBGE aponta em agosto de 2000 uma taxa de desemprego aberto de 7,55%, a Fundação Seade e o Dieese chegam a uma taxa de desemprego total de 17,7%.

Extraído do site www.renascerebrasil.com.br/f_economia2.htm

INDICADOR DE DESEMPREGO

Quino



A ECONOMIA VAI BEM, MAS O TRABALHO...

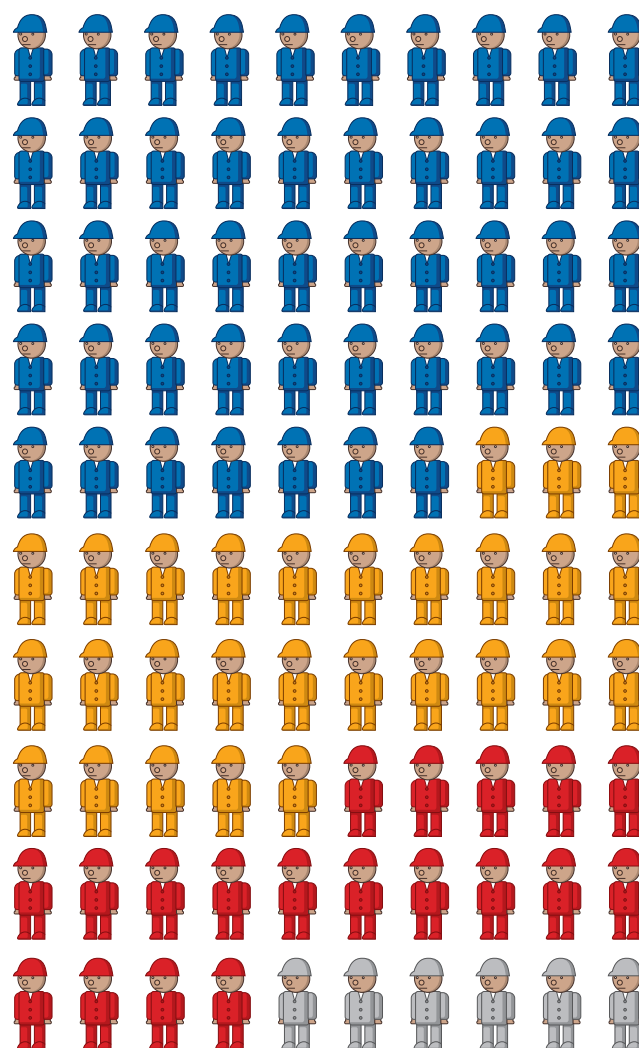
2,2 milhões de pessoas perderam o emprego em 2005

O relatório anual da Organização Mundial do Trabalho (OMT) mostra que o alto crescimento do PIB, Produto Interno Bruto (PIB) mundial, foi de 4,5% em 2005. Apesar disso, o número de desempregados no mundo todo aumentou em 2,2 milhões.

Calcula-se que há 2,8 bilhões de trabalhadores no mundo e que 6,3%, isto é, cerca de 170 milhões, estão desempregados e que este número de 2005 para 2006 aumentou.

O estudo mostra ainda que o crescimento da economia mundial não trouxe melhorias significativas na renda da maior parte da população: dos cerca de 500 milhões de trabalhadores extremamente pobres que havia no mundo no início de 2005 — (pessoas que sobrevivem com o equivalente a 1 dólar por dia), apenas 14,5 milhões tinham conseguido superar a condição no final do ano. Do total de 2,8 bilhões de trabalhadores no mundo, metade ainda ganha menos do que 2 dólares por dia — número que permanece inalterado nos últimos dez anos.

Extraído da revista Desafios do Desenvolvimento – ano 3, nº 19, fevereiro 2006 – IPEA.



TOTAL: 3 bilhões de trabalhadores

(cada unidade equivale a 30 milhões de trabalhadores)

- Menos de US\$1 por dia
- Menos de US\$2 por dia
- Desempregados
- Outros

Extraído do site www.ilo.org/public/employment/strat/download/getb06en.pdf (valores aproximados)

PROCURA-SE EMPREGADO

Nem sempre é a concorrência que se interessa por seu funcionário

Ilustração: Alcy



No mundo do trabalho, a palavra da moda é “empregabilidade”. Exigem cada vez mais do empregado, que tem que fazer duzentos mil cursos pra ganhar uma merreca de salário.

Pois bem, um cara jovem, recém-casado e recém-formado, foi à sala do chefe pedir aumento e já dizendo de cara:

— Chefe, acho que o senhor deveria aumentar meu salário, pois já há três companhias atrás de mim.

O chefe ficou preocupado. Empregado só tem valor quando a concorrência se interessa por ele.

O chefe nem ia discutir, ia dar o aumento, mas, por curiosidade, perguntou:

— E você poderia me dizer quais são essas três companhias?

— Claro! A de telefone, a de água e a de luz!

Extraídos do blog: www.masquemario.blogspot.com/024024poesia_vm.htm

Expediente

Comitê Gestor do Projeto

Timothy Denis Ireland (Secad – Diretor do Departamento da EJA)
Cláudia Veloso Torres Guimarães (Secad – Coordenadora Geral da EJA)
Francisco José Carvalho Mazzeu (Unitrabalho) – UNESP/Unitrabalho
Diogo Joel Demarco (Unitrabalho)

Coordenação do Projeto

Francisco José Carvalho Mazzeu (Coordenador Geral)
Diogo Joel Demarco (Coordenador Executivo)
Luna Kalil (Coordenadora de Produção)

Equipe de Apoio Técnico

Adan Luca Parisi
Adriana Cristina Schwengber
Andreas Santos de Almeida
Jacqueline Brizida
Kelly Markovic
Solange de Oliveira

Equipe Pedagógica

Cleide Lourdes da Silva Araújo
Douglas Aparecido de Campos
Eunice Rittmeister
Francisco José Carvalho Mazzeu
Maria Aparecida Mello

Equipe de Consultores

Ana Maria Roman – SP
Antonia Terra de Calazans Fernandes – PUC-SP
Armando Lírio de Souza – UFPA – PA
Célia Regina Pereira do Nascimento – Unicamp – SP
Eloisa Helena Santos – UFMG – MG
Eugenio Maria de França Ramos – UNESP Rio Claro – SP
Giuliete Aymard Ramos Siqueira – SP
Lia Vargas Tiriba – UFF – RJ
Lucillo de Souza Junior – UFES – ES
Luiz Antônio Ferreira – PUC-SP
Maria Aparecida de Mello – UFSCar – SP
Maria Conceição Almeida Vasconcelos – UFS – SP
Maria Márcia Murta – UNB – DF
Maria Nezilda Culti – UEM – PR
Ocsana Sonia Danylyk – UPF – RS
Osmar Sá Pontes Júnior – UFC – CE
Ricardo Alvarez – Fundação Santo André – SP
Rita de Cássia Pacheco Gonçalves – UDESC – SC
Selva Guimarães Fonseca – UFU – MG
Vera Cecília Achatkin – PUC-SP

Equipe editorial

Preparação, edição e adaptação de texto:
Editora Página Viva

Revisão:
Ivana Alves Costa, Marilu Tassetto,
Mônica Rodrigues de Lima,
Sandra Regina de Souza e Solange Scattolini

Edição de arte, diagramação e projeto gráfico:
A+ Desenho Gráfico e Comunicação

Pesquisa iconográfica e direitos autorais:
Companhia da Memória

Fotografias não creditadas:
iStockphoto.com

Apoio

Editora Casa Amarela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro. SP, Brasil)

Emprego e trabalho / [coordenação do projeto Francisco José Carvalho Mazzeu, Diogo Joel Demarco, Luna Kalil]. -- São Paulo : Unitrabalho-Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho ; Brasília, DF : Ministério da Educação. SECAD-Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007, -- (Coleção Cadernos de EJA)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 85-296-0057-6 (Unitrabalho)

ISBN 978-85-296-0057-4 (Unitrabalho)

1. Emprego 2. Livros-texto (Ensino Fundamental)
3. Trabalho I. Mazzeu, Francisco José Carvalho.
II. Demarco, Diogo Joel. III. Kalil, Luna. IV. Série.

07-0388

CDD-372.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livros-texto :
Ensino fundamental 372.19